

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ – REITORIA DE PESQUISA E PÓS – GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

NÁTALI CONCEIÇÃO LIMA ROCHA

**MEMÓRIAS DESDOBRADAS: O CARÁTER AUTOBIOGRÁFICO EM
AINDA ESTOU AQUI DE MARCELO RUBENS PAIVA**

TERESINA, PI

2021

NÁTALI CONCEIÇÃO LIMA ROCHA

MEMÓRIAS DESDOBRADAS: O CARÁTER AUTOBIOGRÁFICO EM *AINDA ESTOU AQUI* DE MARCELO RUBENS PAIVA.

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito final para obtenção do título de mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura, Historiografia e Memória Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos

TERESINA, PI
2021

R672m Rocha, Nátali Conceição Lima.

Memórias desdobradas: o caráter autobiográfico em *Ainda estou aqui* de Marcelo Rubens Paiva / Nátali Conceição Lima Rocha. - 2021.
75 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, 2021.

“Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura.”

“Orientador(a): Prof. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos.”

1. Autobiografia. 2. Memória. 3. *Ainda estou aqui*. 4. Ditadura militar.

I. Título.

CDD: B869

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca Central da UESPI
Grasielly Muniz Oliveira (Bibliotecária) CRB 3/1067



TERMO DE APROVAÇÃO

MEMÓRIAS DESDOBRADAS: O CARÁTER AUTOBIOGRÁFICO EM AINDA ESTOU AQUI DE MARCELO RUBENS PAIVA

NÁTALI CONCEIÇÃO LIMA ROCHA

Esta dissertação foi defendida às 15hs, do dia 29 de setembro de 2021, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho
(Aprovado, não aprovado).

Silvana Maria Pantoja dos Santos

Professora Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos – UESPI
Orientadora

Douglas Rodrigues de Sousa

Professor Dr. Douglas Rodrigues de Sousa – UEMA
Membro externo

Algemira de Macedo Mendes

Professora Dra. Algemira de Macedo Mendes – UESPI
Membro interno

Visto da Coordenação:

Bárbara Olímpia Ramos de Melo

Dra. Bárbara Olímpia Ramos de Melo (Matrícula: 147.688-2)
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO



RESOLUÇÃO CEPEX Nº.

089/2016 ANEXO A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL

Concedo à Universidade Estadual do Piauí (UESPI) o direito não-exclusivo de reproduzir, traduzir e/ou distribuir este trabalho (incluindo o resumo) por todo o mundo, no formato impresso e eletrônico e em qualquer meio, incluindo os formatos áudio ou vídeo.

Concordo que a UESPI pode, sem alterar o conteúdo, transpor este trabalho para qualquer meio ou formato para fins de preservação.

Concordo que a UESPI pode manter mais de uma cópia de meu trabalho para fins de segurança, backup ou preservação.

Declaro que este trabalho é original e tenho o poder de conceder os direitos contidos nesta licença. Declaro também que o depósito deste trabalho não infringe direitos autorais de ninguém.

Levando-se em conta que o trabalho ora depositado tenha sido de resultado de patrocínio ou apoio de uma agência de fomento ou outro organismo que não seja a UESPI, declaro que foram respeitados todos e quaisquer direitos de revisão como também as demais obrigações exigidas por contrato ou acordo.

Contendo este trabalho material do qual não possuo titularidade dos direitos autorais, declaro que obtive a permissão irrestrita do detentor dos direitos autorais para conceder à Universidade os direitos apresentados nesta licença, e que esse material está claramente identificado e reconhecido no texto ou no conteúdo do trabalho ora depositado.

A UESPI se compromete a identificar claramente seu nome(s) ou o(s) nome(s) dos detentores dos direitos autorais do trabalho em questão, e não fará qualquer alteração, além daquelas concedidas por esta licença.

De acordo com esta licença.

Teresina, PI 09 de novembro de 2020.

Natali Conceição Lima Rocha

Assinatura

Memórias Desdobradas: O caráter autobiográfico em *Ainda estou aqui* de Marcelo Rubens Paiva

Título do trabalho

Mestrado Acadêmico em Letras

Curso

Rua João Cabral, 2231 - Pirajá - 64.002-150 -
Teresina - Piauí - Brasil Caixa Postal 381 - Fones:
(086) 3213 – 7222, 7929, 7982, 7887
www.uespi.br, e-mail:
bibliotecacentral@uespi.br

A todos aqueles que não se cansam de sonhar
e que acreditam na educação como
ferramenta transformadora dos indivíduos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus e aos amigos espirituais, que me auxiliaram e não me desamparam no decorrer desta jornada.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja, por não largar minha mão durante esta travessia acadêmica, bem como por ter sido uma exímia influenciadora da minha trajetória de pesquisa acadêmica, que começou no 5º bloco do curso de Letras-Português da Universidade Estadual do Piauí, não me deixando desistir e conduzindo com maestria pela árdua estrada do conhecimento.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí – FAPEPI, por me conceder uma bolsa de pesquisa, graças a qual tive a oportunidade de desenvolver este estudo com atenção integral ao tema a que me propus pesquisar.

Gratidão a todos os professores do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letra - PPGEL da Universidade Estadual do Piauí, sempre dispostos a auxiliar e orientar os alunos, assim como aos demais funcionários que auxiliam o Núcleo de Pós-Graduação da UESPI.

Agradeço, ainda, a positividade emitida pela minha família. Pelas orações da minha mãe e pai. E, especialmente, o apoio das minhas irmãs Olívia Rocha e Olivânia Rocha. Agradeço ainda ao meu filho Wendel Thiago, que trouxe ainda mais alegrias para a minha vida.

Agradeço, outrossim, ao incentivo das amigas que me acompanham desde a graduação: Alody Casemiro, Andressa Gomes, Caroline Bezerra e Juliana Martins.

Deixo registrado um agradecimento especial aos companheiros da turma de 2019: Caio, Shaianna, Nayra, Ísis, Éderson, Layanne, Leidiana, Láryos, Ana Carolina, Wagner, Weberson, Keiliane, Cleanne e Micael. Ao longo desses dois anos, dividimos alegrias, tristezas, anseios e superações.

O discurso da memória e as narrações em primeira pessoa se movem pelo impulso de bloquear os sentidos que escapam; não só eles se articulam contra o esquecimento, mas também lutam por um significado que unifique a interpretação.

Beatriz Sarlo

RESUMO

A autobiografia é caracterizada pelo entrecruzamento da vida do narrador com a do autor, de modo que o discurso que a engendra, geralmente, é relatado em primeira pessoa por intermédio do viés memorialístico. Despontam, então, na escrita autobiográfica um sujeito que viveu determinados acontecimentos, narrando a partir de suas impressões e sensações. Com base nessa premissa, o presente estudo tem como objetivo geral analisar o caráter autobiográfico da obra *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva, tomando como base os impactos das lembranças. A obra em questão traz as memórias fragmentadas de Marcelo Rubens Paiva, desde a sua infância, passando pela juventude até a fase adulta. Estas se emaranham com acontecimentos presentes, resultando em alternâncias temporais. O núcleo da ação narrada é a figura materna e paterna. A primeira comporta a admiração e orgulho do narrador diante da sua personalidade forte, mas também a dor, em função do definhamento gradativo da memória dela, acometida pelo Alzheimer; o pai, deputado federal desaparecido e, posteriormente, tido como morto vítima da ditadura militar, reverbera nas lembranças do narrador em forma de *flashes*, e estes evidenciam as vivências que teve com o pai enquanto este era vivo. Interessa, então, perceber como o narrador-autor dialoga com as lembranças e o que elas representam para ele. A pesquisa é qualitativa, de cunho bibliográfico, pautada no pensamento de Lejeune (2014) e Arfuch (2013) acerca da autobiografia; Halbwachs (2003), no que se refere aos estudos da memória. A escrita autobiográfica de Marcelo Rubens Paiva em *Ainda estou aqui* apresenta um olhar atento sobre si e sua família, porém sem deixar de reintroduzir impressões sobre a ditadura militar brasileira, pois negá-la seria ter de apagar as marcas deixadas por esse evento traumático nele, em seus familiares e na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Autobiografia. Memória. *Ainda estou aqui*. Ditadura Militar.

ABSTRACT

The autobiography is characterized by narrator life crossing with the author as well, in which his speech is empowered, and it is told in direct speech by memory bias generally. At the dawn, then, in the autobiography writing a person who lived some experiences and tells despite of his sight and sensation. Based on this premiss, the paper exposed has kept as its goals to analyze the autobiography in the book *Ainda estou aqui*, by Marcelo Rubens Paiva, as its basis in the memories impacts. The book worked, brings some shattered memories from Marcelo Rubens Paiva which it came from his childhood, which it is going through his teenager to his adult life, in which it is mixed with some current facts, resulting in time changing. The narrative core is the maternal and fatherhood characters. The first one has the admiration and proud of the narrator in front of her strong personality, but pain, because of death of her memory gradually, faced by Alzheimer; his father, the congressman who is disappeared and, then, dead by military dictatorship regime, coming strongly in his memory as flashes, and it has highlighted some evidences when he lived with his father when he was alive. It is interested to realize how the narrator-author creates a dialogue with his memory and what they represent to him. The research is qualitative, into bibliographical supports by some thoughts as Lejeune (2014), Arfuch (2013) about the autobiography; Halbwachs (2003) about memory studies. The autobiography writing by Marcelo Rubens Paiva in *Ainda estou aqui* shows a special attention to his family and himself, however without to reintroducing some new impressions about Brazilian military regime, because deny it, must be to erase some marks left into him by this trauma, in his relatives and in the Brazilian society.

Keywords: Autobiography. Memory. *Ainda estou aqui*. Military Dictorship.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 AUTOBIOGRAFIA: O EU EM EVIDÊNCIA	16
2.1 Escrita de si: herança necessária	16
2.2 Autobiografia nos estudos modernos	20
2.3 <i>Ainda estou aqui</i> e a literatura autoficcional: conexões possíveis	25
3 MARCELO RUBENS PAIVA E A CRÍTICA AUTOBIOGRÁFICA NOS ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS	32
3.1 A recepção literária de Marcelo Rubens Paiva	32
3.2 Convergência entre autobiografia e memória	36
4 AUTOBIOGRAFIA E O REVÉS DA MEMÓRIA EM <i>AINDA ESTOU AQUI</i>	46
4.1 A memória da falta em Marcelo Rubens Paiva	46
4.2 Autobiografia e memória em <i>Ainda estou aqui</i>	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

1 INTRODUÇÃO

A memória está presente em todos os indivíduos, épocas, espaços. É por meio dela que as vivências emergem e é possível relembrar datas, acontecimentos, e lembranças que correspondem a si e aos outros. E é com o auxílio da memória que o autor-narrador-personagem de *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva, narra um recorte da sua história familiar, a partir da autobiografia. Dessa maneira, o presente trabalho visa analisar os aspectos autobiográficos na obra *Ainda estou aqui* (2015), a partir de suas memórias individuais e familiares que perpassam toda a narrativa.

Marcelo Rubens Beyrodt Paiva nasceu em 1959, tornando-se escritor, dramaturgo e jornalista. O primeiro livro publicado por ele foi *Feliz ano velho*, em 1982. O autor possui diversas obras publicadas, como: *Não és tu, Brasil* (1996), *Malu de bicicleta* (2003), *Blecaute* (1986), *Bala na agulha* (2007). Com o roteiro de *Malu de bicicleta*, ele conseguiu ganhar, em 2012, o Prêmio Cinema da Academia Brasileira de Letras. Em 2016, *Ainda estou aqui* ganhou o prêmio Jabuti na categoria Escolha do Leitor.

O enredo da obra de *Ainda estou aqui* é contado a partir da perspectiva de Marcelo Rubens Paiva, narrador-autor, que põe em evidência o modo como a mãe e a família reagiram à morte do pai Rubens Beyrodt Paiva¹, deputado federal, preso, torturado e assassinado pela ditadura militar em 1971. A partir disso, a narrativa fragmenta-se e Marcelo Rubens Paiva traça um panorama do passado dos pais, que perpassa da juventude até o casamento destes.

Posteriormente, enfatiza a infância com os pais, avós paternos, tios e primos na fazenda do interior de Eldorado, e ainda a infância nessa cidade do interior do Estado de São Paulo. O desaparecimento do pai é um acontecimento que abala toda a família e evidencia uma interrupção da felicidade que os permeava e dos sonhos que idealizavam em família.

Além desse aspecto, a narrativa volta-se, prioritariamente, à figura materna para mostrar os desafios enfrentados por ela, tendo que conduzir, sozinha, o destino

¹ Rubens Beyrodt Paiva nasceu em Santos em 26 de dezembro de 1929. Iniciou sua vida política no movimento estudantil. Coursou engenharia na Universidade Mackenzie, em São Paulo; foi presidente do Centro Acadêmico e vice-presidente da União Estadual dos Estudantes de São Paulo. Em 1962, foi eleito deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). É um dos desaparecidos durante a ditadura militar no país, no ano de 1971.

dos filhos, após o desaparecimento do marido. A obra lança, também, o olhar do autor-narrador-personagem para o presente ao ressentir o definhamento da mãe acometida pelo Alzheimer.

O autor-narrador-personagem considera uma ironia do destino a mãe ter sido acometida pelo Alzheimer, pois, após a morte do pai, a mãe se tornou uma ferrenha opositora do regime ditatorial e lutou, durante muitos anos, para que os crimes contra o seu marido e outras tantas vítimas pudessem ser investigados, concluídos e, principalmente, não esquecidos.

A partir de fatos do passado do narrador, ele expõe um acontecimento recente da nação, que foi a ditadura militar instaurada no Brasil em 1964 e que perdurou até 1984, deixando um lastro de feridas em famílias que tiveram parentes envolvidos direta ou indiretamente com questões políticas.

A narrativa apoia-se também em entrevistas retiradas de coluna de jornais e, ainda, de documentos do Ministério Público do Rio de Janeiro, que investigou o desaparecimento do seu pai, o deputado federal Marcelo Rubens Paiva, morto pela ditadura militar. Estas junções que envolvem memória individual, coletiva e afetiva constroem uma narrativa de forte teor autobiográfico.

Com o auxílio das pesquisas feitas e de testemunhos colhidos pela Comissão da Verdade², o narrador-autor reconstitui os fatos que levaram o seu pai à morte pela ditadura, e assim os ligam a sua tessitura narrativa, fazendo com que estes se encaixem, e ele consiga, finalmente, entender o que aconteceu com o pai.

Na obra Ainda estou aqui, os dramas pessoais e familiares do narrador-autor são evocados de forma fragmentada. Isso porque a memória, por si só, é lacunar e se reveza entre lembrança e esquecimento. Distanciado no tempo, o narrador vai imprimindo suas impressões e reflexões sobre os acontecimentos lembrados, colocando em evidência as suas emoções e ressentimentos.

Beatriz Sarlo (2007) entende que o discurso de quem lembra auxilia na reelaboração do passado. A memória é, então, um instrumento não só para lembrar, mas também para não esquecer. O ato de lembrar é, para o narrador-autor, uma forma de luta no sentido de manter viva a memória dos seus pais e também uma maneira

² A Comissão Nacional da Verdade foi criada pela Lei 12528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012. Seu objetivo foi apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. O órgão foi extinto em 2014. No entanto, a sua página na web ainda é mantida e nela constam diversos documentos do período ditatorial.

de ele se manter firme em direção ao futuro, amparado na sua trajetória de vida. Para Sarlo (2007), a memória é também um ato de resistência, o eu que se narra se expõe e fortalece a memória histórica da nação para que o passado amargo não se repita.

Yates (2007) afirma que, desde a antiguidade, a memória é considerada uma qualidade essencial, principalmente para aqueles que possuíam o dom da palavra, tais como os poetas e os sábios. Também era requerido destes que perpetuassem a memória coletiva por meio de poemas e histórias orais. Naquela época, acreditava-se que alguns homens eram inspirados pela deusa *Mnemosine* e suas filhas, as musas, consideradas responsáveis pelos atos de lembrar.

De modo semelhante, a autobiografia não é recente e remete também à antiguidade. E, por sua vez, era utilizada não como um processo em que o indivíduo narra o seu interior, mas para uma prestação de contas ao povo da pólis (cidade), sendo um ato em que o indivíduo se glorificava de seus feitos políticos e cívicos.

Com isso, Arfuch (2013) evidencia que este quadro mudou e que as discussões em torno da autobiografia e memória já são exploradas no ambiente universitário. Conforme a autora, é possível atestar que estas discussões extrapolaram o social, e os indivíduos sentem a necessidade de se recolherem em sua interioridade.

Dessa maneira, autobiografia e memória se entrelaçam neste trabalho de forma muito peculiar, pois Marcelo Rubens Paiva, em *Ainda estou aqui*, utiliza-se do suporte memorialístico para narrar a sua autobiografia. Parte-se da premissa que o autor se insere como narrador e personagem, por meio do seu nome próprio, para narrar as suas vivências e a de sua família.

Ainda estou aqui é uma das poucas obras publicadas por filhos de pessoas desaparecidas durante o período da ditadura militar. Esta narrativa foi escolhida como objeto desta pesquisa, por se constituir, primeiramente, como um livro de memórias. Mas, nesse trabalho, pretende-se evidenciar que ela é mais que um livro de memórias, pois se configura também como uma autobiografia.

A motivação para esta pesquisa se deve ainda a interesses desenvolvidos ainda por volta do 5º período da graduação de Letras-Português, quando desenvolvi projeto de iniciação científica no eixo de memória e espaço, orientado pela Prof. Dra. Silvana Pantoja, sendo estendido ao Trabalho de Conclusão de Curso. Os estudos da memória continuaram a me influenciar e atualmente, em decisão conjunta com a Prof. Dra. Silvana Pantoja, deliberamos articular a memória à autobiografia para a feitura da dissertação de mestrado.

Portanto, o trabalho está ancorado em três capítulos. O tópico inicial do primeiro capítulo discorre sobre a autobiografia, a partir do pensamento de Foucault (1992) e Bahktin (2015). Com o apoio dos teóricos mencionados anteriormente, faz-se um resgate das raízes da autobiografia, fazendo um percurso histórico evidenciando como esta foi utilizada pelos indivíduos, ao longo de diferentes períodos históricos. O tópico seguinte investiga a autobiografia a partir dos estudos literários contemporâneos, utilizando-se da abordagem do seu teórico principal, Philippe Lejeune, responsável por contextualizar o conceito de autobiografia e decifrar as estruturas que compõem este gênero tão rico. No terceiro tópico do primeiro capítulo, traz-se uma discussão sobre a autoficção, a partir da relação que esta estabelece com a autobiografia e das sucessivas tentativas de diversos estudiosos em conceituá-la e definir as suas características. Para discorrer sobre a autoficção neste tópico, utilizou-se as reflexões de Doubrovsky (2014), Faederich (2015), Klinger (2006), entre outros.

No segundo capítulo, *Marcelo Rubens Paiva e a crítica autobiográfica nos estudos contemporâneos*, faz-se uma breve narrativa da vida do autor, levando em conta as pesquisas mais recentes sobre a obra *Ainda estou aqui*, utilizando-se também estudos sobre a memória. O segundo tópico deste capítulo apresenta uma seção que propõe uma articulação entre autobiografia e memória e sobre como estas se conectam na construção do discurso autobiográfico. Para isso, faz-se necessário apoiar-se em Bergson (1999), que tece considerações em torno da ideia de que memória é imagem apreendida no seio social, e ainda se valer de Halbwachs (2003), para quem a memória é um ato indissociável do meio coletivo em que o indivíduo vive, sendo que a maioria das memórias apreendidas não são individuais, mas coletivas.

Por fim, o terceiro capítulo tece discussões analíticas em torno da autobiografia e memória presentes na obra *Ainda estou aqui* de Marcelo Rubens Paiva. O primeiro tópico deste capítulo apresenta um breve contexto do período ditatorial e expõe como este evento traumático reverbera pelas memórias do autor-narrador-personagem. Para isso, nossa análise aporta-se em Malard (2006), Napolitano (2014), Halbwachs (2003), entre outros. O segundo tópico do terceiro capítulo evidencia a relação entre autobiografia e memória de forma efetiva em *Ainda estou aqui* e de como a subjetividade influencia as memórias do sujeito que se narra. O pensamento de Halbwachs (2003) é importante nessa discussão, considerando que a memória do autor, narrador- personagem, é ancorada nas vivências familiares, e estas impregnam toda a narrativa.

Dessa forma, pretende-se com tal trabalho contribuir com os estudos da literatura brasileira contemporânea em torno da autobiografia, levando em conta não só os elementos literários, mas também conhecimentos das áreas com as quais esses estudos mantêm uma interdisciplinaridade.

2 AUTOBIOGRAFIA: O EU EM EVIDÊNCIA

A atenção dada ao autor na narrativa literária vem sendo recorrente nos estudos contemporâneos, como, por exemplo, em diários, cartas, memórias, biografias e autobiografias, gêneros de escrita que passaram a ser mais estudados e pesquisados, como forma de entender a vida de seus autores. O interesse deve-se, primeiramente, à atenção dada ao sujeito que se anuncia, principalmente após a década de 60 do século XX, com a irrupção dos Estudos Culturais e pesquisas sobre o indivíduo. Com a evolução dos Estudos Culturais, os críticos passaram a entender que as experiências de vida também interessavam.

Os tópicos que se seguem abordam primeiramente reflexões compiladas sobre a evolução da escrita de si. Para isso, fez-se necessário buscar apoio em Foucault (1992) e Bahktin (2018), que são teóricos que produziram profícuos estudos sobre a escrita de si. No segundo tópico, discorre-se sobre a autobiografia nos estudos contemporâneos; o terceiro e último tópico discorre sobre a autoficção, seus principais teóricos e as características desse tipo de narrativa, com o auxílio de Doubrovsky (2014), Faederich (2015), entre outros.

2.1 Escrita de si: herança necessária

Conforme Le Goff (1990), o processo da escrita como interpretação de si remonta à antiguidade. Isso porque o conceito de escrita de si esteve excessivamente ligado ao pecado, pois escrever sobre si era uma forma de não pecar, ou seja, de tentar controlar a conduta e se autorregular. O indivíduo combateria os seus desvios, ao escrever sobre si.

A autobiografia, como uma forma de expor a subjetividade de quem a produz, é um conceito atual, que começou a ser desenvolvido há mais ou menos dois séculos. Lejeune (2014) afirma que, ao tentar traçar as características da autobiografia, escolheu adotar o recorte de dois séculos, por considerar que as produções autobiográficas à época da sua pesquisa não eram narradas de forma cronológica.

Foucault (1992), após ter pesquisado as origens da escrita de si, destacou o *Vita Antoni* de Atanásio (padre do período Alexandrino) como um dos primeiros livros

que retrata a importância da escrita. Neste o padre recomendava que escrever sobre si era uma ação efetiva para a manutenção de uma vida santa e sem pecados.

Ao discorrer sobre a obra produzida por Atanásio, Foucault (1992) enfatiza o pensamento do padre de que deveria ser importante que o indivíduo imaginasse que outros pudessem ter acesso à escrita dos seus pensamentos, propiciando “[...] o constrangimento que a presença alheia exerce sobre a ordem da conduta, exercê-lo-á a escrita na ordem dos movimentos da alma” (FOUCAULT, 1992, p.129). Dessa maneira, o ato de escrever funcionava como um cerceamento das ações praticadas, ou sequer imaginadas, pelo indivíduo.

[...] a escrita dos movimentos interiores surge também, segundo o texto de Atanásio, como uma arma do combate espiritual: uma vez que o demônio é um poder que engana e que faz com que nos enganemos sobre nós mesmos (uma boa metade da *Vita Antonii* é inteiramente consagrada a tais manhas), a escrita constitui uma prova e como que uma pedra de toque: ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo. (FOUCAULT, 1992, p.129).

Desse modo, a escrita de si era considerada uma arma contra as artimanhas do diabo, e servia para o homem não esquecer os seus princípios quando fosse tentado pelas sombras. Entretanto, Foucault (1992) afirma que a escrita de si não teve seu papel reconhecido de imediato: “[...] a escrita, o facto de escrever para si e para outrem – só tardiamente [começou] a desempenhar um papel considerável” (FOUCAULT, 1992, p. 02). Assim, ele argumenta que alguns pensadores socráticos, cínicos e pitagóricos frisavam que a arte da escrita era um exercício essencial, pois o indivíduo que escrevia sobre si deveria ler o que escreveu como forma de meditar sobre os seus atos.

Foucault (1992) enfatiza que os *hypomnematas* foram um dos primeiros livros a serem usados como agenda. “[...] os *hypomnematas* podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais [...]” (FOUCAULT, 1992, p. 131). O uso dos *hypomnematas* é evidenciado ainda por Foucault (1992) como um diário em que se registrava condutas e hábitos de vida, essenciais para uma vida estável e, às vezes, estes eram usados até mesmo para aconselhar outros indivíduos.

Os *hypomnematas*, apesar de ser um dos primeiros livros de que se têm conhecimento, usados para registrar hábitos, ainda não eram utilizados inteiramente

para o registro de uma subjetividade e visavam apenas a coletar o que já havia sido dito. “Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tenha sido testemunha, ou cujo relato se tenha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido, ou que se tivesse vindo a memória” (FOUCAULT, 1992, p. 03).

Além disso, Foucault (1992) observa que os *hypomnematas* eram construídos mediante a junção de diferentes discursos e a partir de três razões: as limitações impostas pela escrita e leitura, a reflexão que estas proporcionavam e a forma como o sujeito se apropriava destas. O autor ao citar Sêneca, diz que este afirmava que para se ter conhecimento de si se deveria primeiramente ler, pois era impossível retirar pensamentos e condutas somente do interior de si. A leitura e a escrita não deveriam ser demasiadas, visto que o indivíduo incorreria no risco de perder a capacidade de pensar por si.

Dessa forma, a produção dos *hypomnematas* não deveria ser dissociada da escrita e da reflexão, devendo conter elementos heterogêneos, que, por sua vez, levariam o autor ao seu objetivo, qual seja, a construção da “[...] sua própria identidade mediante a essa recolocação das coisas ditas” (FOUCAULT, 1992, p. 134). Através da inflexão, o indivíduo imprime à sua escrita, impressões que estariam no fundo da sua alma, possibilitando formar a identidade do indivíduo.

Outra forma conhecida como escrita de si, citada por Foucault (1992), é a correspondência. Esta era tida na Antiguidade como exercício de escrita pessoal em que o indivíduo, ao escrever para outro, estaria se lendo e relendo constantemente. Ao fazer tal empreendimento, teria a oportunidade de rever seus pensamentos.

Desse modo, a correspondência dialoga com as *hypomnematas*, principalmente quando Foucault (1992) se refere às cartas enviadas por Sêneca aos seus amigos aconselhando-os a escrever, pois, ao fazer isso, estariam instruindo a si próprios. Apesar das semelhanças, a carta e a correspondência não deviam ser vistas como uma extensão das *hypomnematas*, mas como uma forma de se mostrar ao interlocutor.

Assim sendo, as *hypomnematas* e as correspondências são consideradas por Foucault (1992) entre as primeiras formas de escrita de si. O filósofo alerta que se deve atentar principalmente para as correspondências, porque, através delas, o sujeito se colocaria sob o olhar de um outro indivíduo.

Na Antiguidade, a escrita de si não tinha a função que exerce na atualidade. A história de vida dos indivíduos da época estava permanentemente atrelada à

coletividade. Bakhtin (2018) argumenta que a autobiografia na Grécia antiga estava ligada a atividades orais desenvolvidas por pessoas da realeza e tinham como público os seus súditos.

Assim, considera atípico o surgimento da questão de uma autolouvação que levasse a uma autobiografia, ainda mais nesse período grego, pois o homem ainda não está desintegrado totalmente da via pública e “[...] não havia o homem interior [...] nem o enfoque particular de si mesmo” (BAKHTIN, 2018, p.75).

As atividades do homem da Antiguidade estavam voltadas para o público. Segundo Bakhtin (2018), isto somente começou a mudar quando o homem deixou de exteriorizar o que pensava e o que sentia para uma coletividade, e voltou-se para a sua interioridade.

Na Roma antiga, à medida que o homem foi levado a se desvincular do povo, ele foi compelido a ligar-se à coletividade do núcleo familiar. Dessa maneira, as famílias romanas mantinham registros familiares. Que, por sua vez, não estavam separadas do poderio estatal, haja visto que este geralmente era repassado de geração a geração:

[...] os ancestrais eram os representantes do ideal nacional. A autoconsciência se orientava pela memória concreta da família e dos ancestrais e ao mesmo tempo era orientada para os descendentes. [...] A família possuía seu arquivo no qual conservava registros escritos de todos os elos da linhagem (BAKHTIN, 2018, p. 80).

Assim, por meio dos vínculos familiares, o homem teria que dar continuidade ao legado dos ancestrais, bem como transmiti-lo para as gerações futuras. A autoconsciência sobre si estava relacionada à coletividade do seio familiar. Com isso, todos os princípios a serem seguidos deveriam ser baseados nos registros escritos sobre os ancestrais. Portanto, os indivíduos não seriam produtores de memória; seriam, na verdade, os elos que transmitiriam os feitos dos antepassados aos seus descendentes.

Desse modo, o ato de escrever sobre si foi-se alterando conforme as épocas. Esta ação só se tornou íntima após o homem se reconhecer enquanto sujeito. Ou seja, após desenvolver uma identidade própria. Dessa forma, a escrita de si vem sendo utilizada não mais como um regulador de ações.

Para Arfuch (2010), a autobiografia como forma de expor a subjetividade de quem a produz é uma condição mais atual, que só começou a ser desenvolvida há

mais ou menos dois séculos. Dessa maneira, a autobiografia evoluiu e não esteve mais ligada somente aos atos de ancestrais familiares. O indivíduo pôde então escrever sobre si, a partir do seu ponto de vista e perspectiva, e desnudando a sua interioridade para o leitor.

2.2 Autobiografia nos estudos modernos

No contexto moderno, principalmente a partir da década de 1970, Philippe Lejeune (2014) foi um dos primeiros estudiosos a resgatar o interesse pela autobiografia e começou a interessar-se mesmo quando esta ainda não era destaque no meio literário. Assim, o apagamento da autobiografia talvez se deva à leva de estudiosos adeptos à morte do autor na literatura e também por aqueles que não a consideravam algo relacionado à arte literária.

Lejeune (2014) discute a autobiografia através de um ponto essencial: colocar-se como leitor e investigador de si mesmo. Dessa forma, ele teceu suas primeiras análises ao ler e ao comparar obras que possuem pontos em comum quanto à estrutura e elementos. Para isto, separou como corpus obras que datam de 1770 a 1970.

Este autor define autobiografia como uma narrativa em prosa, feita por um indivíduo que relata a sua vida. Diante disto, destacou alguns elementos: o gênero (narrativa em prosa); assunto tratado (a vida de um sujeito com foco em sua vida e em sua personalidade); situação do autor (autor e narrador compartilham do mesmo nome); posição do narrador (assume a identidade do narrador e de personagem principal e adota uma perspectiva de volta ao passado). Uma autobiografia consiste em ter todos esses elementos ou alguns deles, devendo ter como tema principal a vida individual de um sujeito.

As narrativas produzidas na contemporaneidade por meio do viés autobiográfico visam trazer, por meio dos relatos, a representação do passado que o indivíduo não consegue esquecer, bem como destaca Duque-Estrada (2009) ao entender que é impossível trazer numa narrativa a verdade de uma vida. Isto porque os fatos narrados são perpassados pela subjetividade, sofrendo influência das impressões de si mesmo e dos acontecimentos ao seu redor.

Dessa maneira, se a autobiografia está relacionada à narração de um eu que se narra e que o faz por meio da memória, podemos considerar que esta pode ou não está sendo verdadeira, pois é permeada pelos liames da subjetividade, do eu que narra e que sofre as influências do presente da sua enunciação.

Para Lejeune (2014), a identidade é a condição necessária para que haja autobiografia. Esta deve relacionar-se ao autor (narrador-personagem), formando, assim, uma tríade que consolida o gênero autobiográfico. Conforme o autor, essa tríade pode se dar tanto na primeira quanto na segunda ou na terceira pessoa do singular. É mais comum encontrarmos narrativas em primeira pessoa e estas são facilmente identificáveis pelo modo como se situam dentro da trama narrada.

Dessa forma, ao considerar que a autobiografia é um gênero textual produzido por um sujeito que se coloca como real dentro de um determinado contexto linguístico e literário, a obra *Ainda estou aqui* de Marcelo Rubens Paiva enquadra-se nesse gênero, uma vez que não só o nome do narrador coincide com a do autor, como também os acontecimentos narrados fazem parte da vida dele.

Ainda estou aqui é uma narrativa forte, que se sustenta pelo viés da autobiografia e da memória. Assim, Marcelo Rubens Paiva parte de um enfoque estritamente individual e depois abarca o enfoque coletivo, pois ele traz na narrativa uma reação diante do sumiço do pai e a luta de sua mãe a partir dos sofrimentos pelos quais a ditadura impôs à sua família. Desse modo, inicia a narração alicerçando-se em fatos passados de sua vida adulta e, posteriormente, regride para um enfoque baseado na vida infantil, perpassa a juventude e retorna a vida adulta novamente.

Com o apoio das memórias, Marcelo Rubens Paiva traça, interliga acontecimentos particulares a coletivos, com foco na ditadura militar. Os fatos narrados adquirem credibilidade devido à noção de experiência que perpassa o livro e por se tratar da história de pessoas reais e que tiveram suas vidas atingidas pela ditadura militar no Brasil.

Portanto, tomando como base as experiências vividas, o narrador-autor afirma: “Se tudo é recriação de algo inventado, nada é invenção. [...] Faço uma releitura [...] da vida da minha família” (PAIVA, 2015, p. 35). Nessa citação, fica subtendido, através do verbo fazer, que há um eu que reconstrói narrativamente a vida da família. Para Lejeune (2014), esse “eu” que descreve as suas memórias é essencial para que uma narrativa pertença ao âmbito das autobiografias. Com isso, o eu que narra não se distancia nem de acontecimentos particulares, nem da memória histórica.

Para Sarlo (2007), a emersão de narrativas sobre si na literatura deve-se ao que denomina de guinada subjetiva. Esta, por sua vez, conduziu os estudos a uma valorização da primeira pessoa do discurso, fazendo com que os teóricos se voltem para estudar a reconstituição de experiências por meio da memória. Dessa maneira, a experiência do eu enquanto sujeito retornou a ter importância. Com a revalorização das experiências dos indivíduos, o discurso autobiográfico também desponta e, com ele, as diversas críticas que abominam a sua possibilidade.

Lejeune (2014) afirma que alguns estudiosos consideravam a autobiografia um gênero menor, devido à inserção do autor como personagem. Ao discorrer sobre o autor, Barthes (2004) afirma que é impossível um autor inscrever-se em um texto, pois a escrita é da ordem da neutralidade, sendo impossível identificar um sujeito. Segundo ele, desde o momento que este começa a escrever, ele é considerado morto, visto que a linguagem precede a identidade e o corpo que a escreve.

No entanto, essa questão é polêmica, considerando a concepção de Foucault (2001) por entender que, apesar de se evitar falar do autor, ele possui um certo grau de importância dentro da obra. Nesse contexto, a linguagem literária se sobrepõe e a figura do autor fica subjacente na narrativa. O autor, enquanto estância dentro de um texto, não desaparece totalmente, mas exerce funções dentro da escrita. Contrariando Foucault (2001), Barthes (2005) atesta que o autor desaparece em detrimento da função leitor, pois é este que dá significação e interpreta o texto no momento da leitura.

Diante das condições que se impõem a autobiografia, Gusdorf (1991) entende que, diferentemente de um biógrafo, que produz uma narrativa sobre alguém distante no tempo e no espaço, o indivíduo que se narra pode ser considerado privilegiado, pois foge de ser mal interpretado. No entanto, ao narrar suas vivências e experiências, o indivíduo não narra suas memórias assim como elas aconteceram de fato, visto que a evocação existente no ato da escrita faz com que estas sejam diferentes das mesmas que apreendeu anteriormente.

É devido a isso que Lejeune (2014) explicita que o sujeito, ao narrar, tenta firmar o pacto autobiográfico. Por meio da afirmação do “eu”, ele logo se identifica com a primeira pessoa do discurso. Na identificação desse “eu” com o seu leitor, por meio do nome próprio, se estabelece o pacto propriamente dito. Dessa maneira, a natureza da autobiografia direciona o nome próprio à figura do autor.

[...] o lugar concedido a esse nome é capital: ele está ligado, por uma convenção social, ao compromisso de responsabilidade de uma pessoa real, ou seja, de uma pessoa cuja existência é atestada pelo registro em cartório e verificável. [...] Um autor é [...] uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e extratexto, ele é a linha de contato entre eles. O autor se define como uma pessoa real socialmente responsável e o produtor de um discurso (LEJEUNE, 2014, p. 27).

Uma figura, que ao se auto identificar em um texto por meio do nome próprio, está, conforme Lejeune (2014), imprimindo um atestado de veracidade ao que escreve, pois é considerado uma pessoa que existe fora dos limites do texto.

Nessa perspectiva, na obra *O pacto autobiográfico*, Lejeune (2014) afirma que pode ter cometido algum excesso, ou como ele próprio argumentou, pode ter sofrido por acreditar em uma ideologia autobiográfica. Mas Lejeune (2014) continua a confirmar que acredita na existência do pacto autobiográfico.

É melhor eu reconhecer minha culpa: sim, sou ingênuo. Creio ser possível se comprometer a dizer a verdade; creio na transparência da linguagem e na existência de um sujeito pleno que se exprime através dela; creio que meu nome próprio garante minha autonomia e minha singularidade (embora já tenha cruzado com vários Philippe Lejeune); creio que quando digo “eu”, sou eu quem fala. [...] Dizer a verdade sobre si, se constituir em sujeito pleno, trata-se de um imaginário. Mas, por mais que autobiografia seja impossível, isso não a impede de existir (LEJEUNE, 2014, p. 75-76-77).

Dessa maneira, Lejeune (2014) concorda que é a linguagem que dá vida ao sujeito. E, assim, afirma que ao tentar sistematizar a autobiografia, ele a fez conforme as características que encontrou em comum nos mais diversos textos que havia pesquisado. Assim, ele argumenta que continua a acreditar ser possível escrever e dizer a verdade sobre si, mesmo que esse ato seja considerado um devaneio.

Arfuch (2010) entende que o “eu” insere-se no texto literário por meio da subjetividade empregada na linguagem, que permite ao sujeito imprimir reflexões sobre o vivido.

[...] a aparição de um “eu” como garantia de uma biografia é um fato que remonta a pouco mais de dois séculos somente, indissociável da consolidação do capitalismo do mundo burguês. Efetivamente, é no século XVIII – e segundo certo consenso, a partir das *Confissões* de Rousseau – que começa a se delinear nitidamente a especificidade dos gêneros literários autobiográficos, na tensão entre a indagação do

mundo privado, à luz da incipiente consciência histórica moderna, vivida como inquietude da temporalidade, e sua relação com o novo espaço social. Assim, confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências traçariam, para além de seu valor literário intrínseco, um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente (ARFUCH, 2010, p. 36).

Para Arfuch (2010), o surgimento de um “eu” que se escreve está relacionado ao capitalismo burguês, mas, segundo ela, este surgimento está atrelado, principalmente, às *Confissões* de Rousseau. Este autor é considerado o estreador dos gêneros autobiográficos, pois desvendou o seu espaço privado e pôs-se ao jugo dos seus leitores. Dessa maneira, ela entende que a individualidade tem valor preponderante em confissões, autobiografias e memórias não apresentam somente valor literário, mas por funcionar como um espaço autorreflexivo.

Lejeune (2014) afirma que o indivíduo, quando se coloca no espaço autorreflexivo de narração, traz o que considera verdade para si, conforme argumenta:

Há verdades que ferem. [...] O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de “identidade narrativa”, como diz Paul Ricoeur, em que consiste qualquer vida. É claro que ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-lo ou simplificá-los. Mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel a minha verdade: todos os homens que andam na rua são homens - narrativa, e é por isso que conseguem parar em pé. Se a identidade é um imaginário, a autobiografia que corresponde a esse imaginário está do lado da verdade. Nenhuma relação com o jogo deliberado da ficção. (LEJEUNE, 2014, p. 121).

Diante do posicionamento, escrever sobre si, segundo Lejeune (2014), é tentar se encontrar por meio da reescrita do passado. Ao fazer tal empreendimento, o indivíduo está constantemente recriando o que Lejeune (2014) denomina de identidade narrativa. Ou seja, ele não está se inventando, mas aperfeiçoando algo que ele julga como verdadeiro.

Dessa maneira, este sujeito não desaparece, porém se transforma, uma vez que a sua escrita e discurso é pautado em si, nos seus sentimentos, percepções e memórias: “[...] toda narrativa, enquanto processo temporal essencialmente

transformador, impõe à sua matéria: contar a história de uma vida é *dar vida a essa história*” (ARFUCH, 2010, p. 36).

2.3 Ainda estou aqui e a literatura autoficcional: conexões possíveis

A autoficção é uma vertente literária que se originou a partir dos estudos de Serge Doubrovsky ao analisar o *Pacto Autobiográfico*, proposto por Philippe Lejeune. Conforme o criador do termo autoficção, o esquema de Lejeune deixava espaços vazios. E partindo desses espaços não preenchidos pelo autor do *Pacto autobiográfico*, Doubrovsky propôs a criação de uma nova forma de analisar as produções literárias que traziam o eu enquanto personagem principal e narrador do passado. Lejeune (2014) considera ter sido sorte de este esquema ser revisto por Doubrovsky, porque foi este que “[...] decidiu preencher uma das casas vazias, combinando o pacto romanesco e o emprego do nome próprio” (LEJEUNE, 2014, p. 68-69).

O autor de *O Pacto autobiográfico* (2014) afirma que, ao ler o romance *Fils* (1977) de Dubrovsky, imediatamente o comparou com *Lê Têtard* de Jacques Lanzmann. Foi após essa comparação que ele pôde tentar entender a linha tênue que existe entre autobiografia e autoficção. A comparação entre essas ramificações da escrita de si é praticamente infundável, uma vez que, ao longo dos anos, foram colocadas como rivais e as semelhanças eram utilizadas para evidenciar uma em detrimento da outra.

Dessa maneira, a discussão de um conceito de autoficção vêm povoando os estudos literários contemporâneos. Isso se faz necessário por não existir um conceito fechado para essa arte e a delimitação deste auxiliaria a sanar dúvidas de pessoas interessadas na apreciação e, até mesmo, na análise de textos literários. Doubrovsky (2014) observa que:

Devemos, portanto, admitir que o termo, mesmo desprezado pelos puristas, correspondia a uma expectativa do público, vinha preencher uma lacuna ao lado das memórias, da autobiografia e das escritas íntimas em geral. (DOUBROVSKY, 2014, p. 113).

Assim como Lejeune (2014) atribuía a ausência do interesse pelos estudos autobiográficos pelos teóricos literários mais ortodoxos, Doubrovsky (2014) também

afirmava que a autoficção era ignorada por não se ater ao estilo literário que estes estudiosos consideravam canônicos.

Com o passar dos anos, tanto a autobiografia quanto a autoficção alçaram voo dentro dos estudos literários e ambas têm trazidos intensas contribuições para as discussões teóricas nos últimos anos. O conceito de autobiografia já foi firmado por Lejeune (2014). Todavia, o conceito de autoficção ainda gera muitos embates. Dessa maneira, pretende-se, no decorrer deste tópico, discorrer sobre alguns dos questionamentos que povoam a autoficção e o entrelaçamento desse gênero com a narrativa *Ainda estou aqui*.

Noronha (2014) afirma que o termo autoficção vêm se disseminando como práticas de autoescrita. No entanto, para a ela, a definição não é ainda um “[...] consenso nem entre os críticos, nem entre os escritores que a praticam, que são, aliás, com frequência, agentes duplos” (NORONHA, 2014, p. 08). A declaração de Noronha (2018) segue a mesma linha de pensamento de Lejeune (2014) quando este entende que muitos escritores inserem-se na autobiografia, mas, ao mesmo tempo, “[...] a depreciam e a renegam: sobretudo que ninguém pense que eles a praticam!” (LEJEUNE, 2014, p.126).

Assim, o conceito sofreu intervenções, desde o início da sua invenção por Doubrovsky na França. Conforme Faederich (2015), a dificuldade da definição do conceito de autoficção tem conduzido os estudiosos por uma senda argumentativa que leva à impossibilidade de conceituar o termo. A autora entende que o uso indiscriminado do termo faz com que este perca o seu valor.

Dessa maneira, Faederich (2015) julga necessário entender quais as características que podem compor uma obra autoficcional. Conforme a autora, o primeiro passo é diferenciar autobiografia e autoficção. A primeira se caracteriza por autor-narrador e personagem consistirem numa tríade que direciona o leitor a acreditar que o discurso que emite é verdadeiro, e este pode ocasionar implicações para este autor, de forma que este deve alicerçar-se

Tal comprometimento é impensável no campo romanesco, em que o princípio de invenção e de não-identidade caracterizam o gênero. Já na autoficção se estabelece com o leitor um pacto oximórico (JACCOMARD, 1993), que se caracteriza por ser contraditório, pois rompe com o princípio de veracidade (pacto autobiográfico) sem aderir integralmente ao princípio de invenção (pacto romanesco/ficcional). Mesclam-se os dois, resultando no contrato de leitura, marcado pela

ambiguidade, em uma narrativa intersticial. (FAEDERICH, 2015, p. 02).

Conforme a autora mencionada, na autoficção o discurso emitido pode não ser totalmente verdadeiro. Nesse tipo de narrativa, opera um contrato de leitura entre autor e leitor em que o autor-narrador-personagem adere a uma narrativa ficcional, podendo utilizar de fatos reais ou não.

Assim, definir os liames que compõem a autoficção é problemático porque muitos autores podem não escrever autoficção em si, mas incorporam aos seus textos fatos reais. Faederich (2015, p. 03) entende que “na autoficção, um romance pode simular ser uma autobiografia ou camuflar, com ambiguidades, um relato autobiográfico sob a denominação de romance”.

Ainda estou aqui, obra em análise neste trabalho, não pode ser classificada exclusivamente como autoficção. Isto porque esta traz como pano de fundo a ditadura militar brasileira. Fato este que sabemos que foi real. Além disso, a obra menciona também personagens reais, pois o autor-narrador-personagem evoca toda a sua família na narrativa com os devidos nomes usados fora do livro. Os amigos citados ao longo da narrativa também são pessoas reais e os seus nomes não são camuflados.

Faederich (2015) afirma que os liames entre autobiografia e ficção são tão estreitos que

Na autoficção, um autor pode chamar a atenção para a sua biografia por meio do texto ficcional, mas é sempre o texto literário que está em primeiro plano. Os biografemas estão ali funcionando como estratégia literária de ficcionalização de si (FAEDERICH, 2015, p. 04).

Os biografemas instalados pelo decorrer da história pelo autor fazem com que o leitor fique indeciso quanto à ficcionalidade da obra. Isso porque o relato, com base no eu que narra, promove uma relação entre ficção e realidade.

Em *Ainda estou aqui*, o autor-narrador-personagem conta alguns fatos com o auxílio do biografema da infância. “Me lembro de coisas da infância porque vejo fotos. Como da vez em que colocaram em mim um capacete verdadeiro de bombeiro, profissão que por muitos anos desejei ter” (PAIVA, 2015, p. 33). Conforme Arfuch (2010), muitos escritores ancoram-se no biografema da infância porque esta é o ponto de partida

[...] de todo devir, lugar sintomático cuja funcionalidade não tem a ver somente com uma coerência narrativa, mas também explicativa, na medida em que estabelece certa causalidade entre virtualidade e realização. (ARFUCH, 2010, p. 199)

O biografema da infância é utilizado devido a tentativa de contar a história em uma ordem cronológica. Além do mais, deve-se também considerar a intenção do autor de evidenciar que muitos dos conflitos presentes na narrativa podem ter raízes na infância.

Klinger (2006) afirma que a promoção das discussões entre ficção e realidade voltam a outro debate discussão que foi presente no início dos anos 60: a morte do autor. Barthes (2004) afirma que o autor, ao escrever uma narrativa, deixa de existir, pois não seria mais responsável por dar significação ao texto. O leitor seria o responsável por dar a significação do texto, por meio da interpretação.

Klinger (2006) afirma que o autor ao transpor para a narrativa aspectos da sua vida, por meio da literatura, estaria realçando mais a verdade do que o relato verdadeiro e cronológico em si. Ademais, a função estética que provém dos textos literários, prevaleceria, sob a forma referencial que predomina nas autobiografias.

Em “O último eu”, texto inserido num livro sobre ensaios de autoficção organizado por Noronha (2014), Doubrovsky afirma que “toda autobiografia qualquer que seja sua ‘sinceridade’, seu desejo de ‘veracidade’, comporta a sua parte de ficção” (DOUBROVSKY, 2014, p. 122). A assertiva de Doubrovsky (2014) refere-se ao fato de que o sujeito que narra, não é mais o mesmo do passado. Assim, “[...] a narrativa de si é sempre modelagem, roteirização romanesca da própria vida” (DOUBROVSKY, 2014, p.124). Ou seja, se a autoficção é roteirização romanesca da própria vida, o indivíduo não está rememorando, mas está recriando a sua história por meio da narrativa.

Nas investigações mais recentes sobre autoficção, Klinger (2006) – em *Escritas de si, escritas do outro* – traz uma nova abordagem que, por sua vez, está relacionada à performatização de si.

Segundo nossa hipótese, o texto autoficcional implica uma dramatização de si que supõe, da mesma maneira que ocorre no palco teatral, um sujeito duplo, ao mesmo tempo real e fictício, pessoa (ator) e personagem. Então não se trata de pensar, como o faz Phillipe Lejeune, em termos de uma “coincidência” entre “pessoa real” e personagem textual, mas a dramatização supõe a construção

simultânea de ambos, autor e narrador. Quer dizer, trata-se de considerar a autoficção como uma forma de performance. (KLINGER, 2006, p. 57)

Klinger (2006), para exemplificar o seu ponto de vista, recorre às ações produzidas pelos atores num teatro. No ato da apresentação da peça, o ator, ao mesmo tempo que é personagem fictício, é também um personagem real, pois é ele que dá movimento e voz para aquele duplo no ato da apresentação. Assim, segundo ela, não há uma coincidência entre as pessoas que se inscrevem no texto. O indivíduo, ao escrever sobre si, está recriando o ser que ele já foi. Ou seja, está performando.

Desta perspectiva, não haveria um sujeito pleno, originário, que o texto reflete ou mascara. Pelo contrário, tanto os textos ficcionais quanto a atuação (a vida pública) do autor são faces complementares da mesma produção de uma subjetividade, instâncias de atuação do eu que se tencionam ou se reforçam, mas que, em todo caso, já não podem ser pensadas isoladamente. O autor é considerado enquanto sujeito de uma performance, de uma atuação, que “representa um papel” na própria “vida real”, na sua exposição pública, em suas múltiplas falas de si, nas entrevistas, nas crônicas e auto retratos nas palestras. Portanto, o que interessa do autobiográfico no texto de autoficção não é uma certa adequação à verdade dos fatos, mas sim “a ilusão da presença, do acesso ao lugar de emanação da voz”. (KLINGER, 2006, p. 58).

A afirmação de Klinger (2006) projeta ao leitor a perspectiva de que o autor de autoficção é constituído por um duplo. Conforme ela, tanto os textos produzidos quanto as demonstrações, tais como entrevistas, as palestras sobre si mesmo e as suas obras, são consequências da atuação desse indivíduo fragmentado. Dessa maneira, a autoficção não está relacionada à emersão dos fatos, mas à ilusão de narrar esses fatos.

A autoficção repousaria, então, na perspectiva de que, apesar da necessidade de narrar os fatos reais, esse exercício é impossível de ser feito, podendo ser os fatos recriados. O indivíduo, ao se narrar, não reproduz as histórias como aconteceram, por causa da subjetividade. As experiências já foram assimiladas no interior desse indivíduo e já se transformaram e assumiram outras dimensões.

Ao discorrer em uma entrevista sobre sua obra *A resistência*, Julián Fuks afirma que, apesar de se apoiar em experiências vividas por ele e sua família, “[...] há ainda o exercício da ficção na construção, na escolha de como narrar e em que ordem dispor

os acontecimentos, e que reflexões trazer à tona a partir desses acontecimentos” (FUKS, 2020, p. 09). Dessa maneira, *A resistência* pode ser enquadrada como uma autoficção. Diferentemente de *Ainda estou aqui*, em que há a coincidência do nome próprio do autor-narrador-personagem, na narrativa de Fuks o nome utilizado pelo narrador-personagem difere do nome do autor. Faederich (2014), ao mencionar Doubrovsky, destaca:

Doubrovsky (2001) afirma que a narração não é uma cópia, mas sim uma recriação de uma existência através das palavras. O teórico francês marca, assim, outra diferença entre autoficção (+ invenção, + recriação) e autobiografia (- invenção + fiel aos acontecimentos). (FAEDERICH, 2014, p. 24 Apud DOUBROVSKY, p.22, 2001).

A autoficção difere da autobiografia por não tentar se ater aos acontecimentos, tais como aconteceram. A autoficção permite que os autores que ousem enveredar por ela desfrutem de uma certa liberdade criativa, rompendo, assim, o contrato de leitura entre autor e leitor, presente no pacto autobiográfico e que é baseado no estabelecimento de uma narrativa verdadeira, por uma pessoa também real.

E qual seria o contrato de leitura estabelecido entre autor e leitor nas narrativas autoficcionais? Conforme Alberca (2007), o pacto ambíguo é o pacto que permeia as narrativas autoficcionais. E estas, ao mesclarem elementos ficcionais e autobiográficos, tornam-se híbridas. Faederich (2015, p. 02) entende que essa imprecisão se deve ao rompimento da autoficção “[...] com o princípio de veracidade (pacto autobiográfico) sem aderir integralmente ao princípio de invenção (pacto romanesco/ficcional)”.

Atualmente, os debates em torno de obras de autoficção e autobiografia são acentuados pelo emprego do nome próprio dos personagens. Se na autobiografia o emprego do nome próprio possibilita que o leitor ateste que esta é uma narrativa não inventada, na autoficção, por sua vez, a identidade nominal dos personagens provoca nos leitores questionamentos que os levam a questionar: o que é ficção? E o que é realidade?

Alberca (2007) certifica que a mudança da identidade nominal dos personagens, em obras autoficcionais, provoca muitas vezes decepções por parte dos leitores. No entanto, reitera que este artifício é também utilizado pelos autores, para evitar que sofram penalidades judiciais, morais e cívicas.

Faederich (2015) explicita que o próprio inventor do termo autoficção, Serge Doubrovsky, precisou trocar a identidade nominal de personagens de alguns de seus livros, uma vez que estes eram facilmente reconhecíveis e, fazendo a mudança, evitar-se-ia danos jurídicos e o impedimento da circulação dos seus livros.

Dessa maneira, as discussões sobre a autoficção e a autobiografia são extensas. Com o passar dos anos, ficou evidente que a autoficção não surgiu para se opor à autobiografia. Trata-se de um novo desdobramento. Uma nova oportunidade de os autores manifestarem-se por meio da linguagem e dos leitores aventurarem-se por essas narrativas que mesclam realidade e ficção.

A escolha pelo recorte autobiográfico permanece neste trabalho devido à relevância do tema, e devido, ainda, à obra *Ainda estou aqui* estar repleta de elementos diversos e referenciais, que fazem com que possa ser contemplada como uma narrativa autobiográfica.

3 MARCELO RUBENS PAIVA E A CRÍTICA AUTOBIOGRÁFICA NOS ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS

Marcelo Rubens Paiva é oriundo de uma nova geração de escritores que se insere no contexto da Literatura Brasileira contemporânea. Muitos desses escritores estão seguindo pela senda das narrativas intituladas “escritas de si”. Sejam elas autobiografias, diários, autoficção e/ou memórias, estas narrativas têm despertado o interesse de um público cada vez mais voraz e atento em decifrar os liames da realidade e da ficção.

Dessa maneira, este capítulo faz uma abordagem da obra *Ainda estou aqui* de Marcelo Rubens Paiva a partir da crítica literária contemporânea. Divide-se em dois tópicos. O primeiro faz uma exposição em torno do autor, sua obra e fortuna crítica, resgatando pesquisas anteriores que trazem essa obra como objeto de estudo. O segundo aborda a memória e a autobiografia, e como estas contribuem para a construção do discurso autobiográfico.

3.1 A recepção literária de Marcelo Rubens Paiva

Marcelo Rubens Paiva é um escritor de múltiplas facetas e que já se dedicou a diversos empreendimentos relacionados à arte e à escrita. Paiva é escritor, dramaturgo e jornalista. Atualmente, atua como colunista no jornal *O Estadão*, onde discorre sobre temas relacionados à cultura contemporânea. O autor já publicou diversas obras, dentre elas: *Feliz Ano Velho* (1982); *Não és tu, Brasil* (2007), *Malu de bicicleta* (2003); *Blecaute* (1986), *O orogotango marxista* (2018), *Bala na agulha* (1992), *Ainda estou aqui* (2015), entre outras. O enredo desta última se entrelaça à obra *Feliz Ano Velho* (1982).

Por meio do recurso autobiográfico, *Feliz ano velho* foca-se sobre as suas memórias a partir do acidente que o deixou paraplégico aos 20 anos. Jovem e destemido, Marcelo pulou em uma piscina rasa e bateu a cabeça no fundo, o que resultou em uma lesão na medula e a perda dos movimentos dos membros inferiores do corpo. Nesta obra, o desaparecimento do pai é abordado brevemente.

Em *Ainda estou aqui* (2015), a narrativa autobiográfica volta-se para o desaparecimento do pai de forma mais intensa, abordando o luto, a força da mãe e o definhar desta por causa do mal de Alzheimer.

A ditadura é tema recorrente tanto em *Ainda estou aqui* quanto em *Feliz ano velho*. Na primeira, mais uma vez, mesmo estando paraplégico em uma cama de hospital, o personagem rememora a morte do pai.

O dia 20 de janeiro de 1971 era feriado no Rio, por isso dormi até mais tarde. De manhã, quando todos se preparavam para ir à praia (e eu dormindo), a casa foi invadida por seis militares à paisana, armados com metralhadoras. Enquanto minhas irmãs e a empregada estavam sob mira, um deles, que parecia ser o chefe, deu uma ordem de prisão: meu pai deveria comparecer na Aeronáutica para prestar depoimento. Ordem escrita? Nenhuma. Motivo: só Deus sabe. (PAIVA, 2015, p. 71).

O desaparecimento do pai, em pleno feriado, torna-se para Marcelo bem significativo, pois a figura paterna o inspirava. A rememoração deste fato torna-se recorrente, por sentir que a ditadura lhe provocou diversos traumas. Sobre como a ditadura impactou a narração das vivências do narrador-personagem de *Feliz ano velho*, Sousa (2018) atesta:

Os anos finais do período ditatorial, segundo Rodriguez e Espinoza (2006), durante a transição das ditaduras militares para a democracia, permitiram que viessem a público as memórias das vítimas, narrando os horrores pelos quais foram acometidas. Tais narrativas apresentaram, à época, duas importantes funções. A primeira, como vimos no tópico anterior, diz respeito à tentativa de lidar com o trauma sofrido. A segunda era produzir um relato histórico sobre o que aconteceu com o intuito de perpetuá-lo através do tempo. **Feliz ano velho, pertencente a essa época, aborda experiências do autor-narrador-personagem pelo viés autobiográfico, recuperadas a partir de memórias.** Os relatos contidos no livro, ainda que partam do trauma físico de Marcelo Rubens Paiva, não se restringem ao ambiente hospitalar. Eles alcançam outros espaços, outras temporalidades, outras vivências, e, por conseguinte, outros traumas, dentre os quais, o desaparecimento e morte de seu pai, assim como a tortura de sua mãe e irmã se destacam. **O texto de MRP acumula sobre si as duas funções anteriormente citadas, e, ao evocar um contexto específico (a ditadura militar brasileira), o traz à superfície textual, atualizando-o.** (SOUSA, 2018, p. 71 – 72, grifo nosso)

As escritas de sujeitos que sofreram transformações devido ao período ditatorial passaram a ser publicadas e, com elas, as cicatrizes desses indivíduos foram expostas de diversas maneiras. Em *Feliz ano velho*, essas memórias são abordadas pelo viés autobiográfico, reincidindo na temática da ditadura.

Assim, as conclusões de Sousa (2018) sobre o modo como a ditadura influenciou na narração das memórias do narrador-personagem de *Feliz ano velho* direcionam o leitor para que este observe que, primeiramente, narrativas como a da obra mencionada fazem com que as vítimas da ditadura tentem lidar com o trauma por meio da escrita. Posteriormente, estas adquiram valor literário, de modo que é impossível dissociá-la do contexto histórico ao qual se refere. Rememorar por meio da narrativa escrita sobre a ditadura é fazer com que esta não se oculte por trás do véu do esquecimento.

Dessa maneira, o estudo da memória constitui um campo de estudos muito profícuo. Na sua dissertação de mestrado, a pesquisadora Lúna Paiva, ao discorrer sobre *Ainda estou aqui*, argumenta:

Rememorar é um ato exercido durante toda a escrita de Marcelo Rubens, pois o autor empreende uma atividade de - reescrita contestadora da história. Assim a sua contestação da versão dada pelo governo brasileiro sobre os atos ocorridos durante a ditadura não contempla a ideia de que centenas de pessoas foram presas, torturadas, mortas e desaparecidas, tratadas como terroristas, assim ele disputa o direito à lembrança de um determinado grupo (PAIVA, 2017, p. 78).

Lúna Paiva (2017), por conseguinte, concorda com Sousa (2018) ao afirmar que a escrita de Marcelo Rubens Paiva adquire, por meio da rememoração dos fatos narrados, um viés contestador dos fatos históricos, isso porque que esses são desconhecidos para uma parte da população brasileira, devido à tentativa de apagamento e negacionismo daqueles que cometeram os abusos durante o período ditatorial.

Os abusos do período ditatorial que perpassam *Ainda estou aqui* é tema ainda da tese de doutorado apresentada em 2017, na Universidade Federal de Juiz de Fora, por Tásia Oliveira. A autora intermedeia uma relação entre o mito de Antígona de Sófocles e as obras *K.* de Bernardo Kucinski, *Ainda estou aqui* de Marcelo Rubens

Paiva e *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia* de Liniane Haag Brum. Oliveira (2017), ao intermediar uma relação entre essas obras, visa relacionar o fato de Antígona tentar enterrar o irmão Polinices com as próprias mãos com o impedimento do enterro de Ana Rosa Kucinski Silva, Rubens Paiva e Cilon Cunha Brum, mortos e desaparecidos durante o regime ditatorial.

K., de B. Kucinski, *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva, e *Antes do passado*, de Liniane Haag Brum, apresentam uma relação intrínseca entre seus personagens e seus autores, isto é, a própria relação de sangue. Porque, com ficcionalizações ou não, são eles as Antígonas emparedadas vivas pela impossibilidade de seguir adiante sem antes sepultar os corpos de seus mortos, ainda que precisem substituir a terra por palavras. Cada uma dessas narrativas mostra um olhar distinto sobre o mesmo tema: o da busca (OLIVEIRA, 2017, p. 21).

Conforme Oliveira (2017), o impedimento de sepultamento do corpo é de uma violência sem precedentes, em razão de que esta não atingiu somente os personagens descritos nas obras, mas os autores que as descrevem – haja visto que os personagens descritos são seus familiares. Dessa maneira, a violência imposta às vítimas continua a reverberar nas gerações posteriores desses mortos.

Ainda estou aqui é analisada também por Cremonese (2018), que evidencia que o relato autobiográfico presente na obra evidencia as experiências sociais durante o período ditatorial e denúncia às atrocidades cometidas à época.

[...] *Ainda estou aqui*, uma autobiografia que relata e denuncia a ditadura, propiciou uma maior proximidade com o período do regime militar, possibilitando mostrar àqueles que pedem a sua volta o que foi aquele período e as práticas autoritárias que o constituiu, bem como as consequências de um tipo de governo que anula todo e qualquer direito do cidadão. [...] A narrativa de Paiva nos apresenta uma forma de lidar com o passado, de torná-lo inteligível, sendo, dessa maneira, um modo pelo qual professores e alunos, nas aulas de História e de Literatura, podem dar sentido ao passado histórico, ao pensarem e confrontarem versões desse passado. De tal modo, por meio da narrativa literária de Paiva, percebemos que é possível viabilizar em aulas de História e de Literatura a abordagem de ideias amplas e complexas, às vezes até abstratas, referentes a esse período da história de nossa sociedade, ligando-as a um caso específico, mas apenas aparentemente particular, pois representativo de outros tantos ocorridos naquele momento (CREMONESE, 2018, p. 91).

Para Cremonese (2018), a autobiografia de Marcelo Rubens Paiva expõe as violências sofridas não somente pelas vítimas da ditadura, mas por toda a sociedade. Segundo ela, a obra contribui para a luta contra o discurso da ignorância que reina no contexto atual e que pede a volta da ditadura. Dessa maneira, conforme a autora mencionada, a narrativa é uma aliada do ensino da história, pois a possibilidade de relacioná-las faz com que professores e alunos reflitam sobre o passado e as suas versões históricas. A seguir, por meio das análises de *Ainda estou aqui*, propomos discutir sobre o caráter autobiográfico que permeia a narrativa.

3.2 Convergência entre autobiografia e memória

A memória, enquanto qualidade inerente ao homem, sempre esteve presente em diversas culturas e épocas. No entanto, o uso que se faz da memória alterou-se conforme as mudanças sofridas pelos indivíduos. Ao dissertar sobre a importância da memória na antiguidade, Frances Yates (2007) reproduz, em *As Três Fontes Latinas da Arte Clássica da memória*, um mito romano que evidencia o quanto a faculdade da memória era apreciada.

Durante um banquete oferecido por um nobre da Tessália chamado Scopas, o poeta Simônides de Ceos entoou um poema lírico em honra de seu anfitrião, mas incluiu uma passagem em louvor a Castor e Pólux. De forma mesquinha, Scopas disse ao poeta que só pagaria a metade da soma combinada pelo panegírico e que ele cobrasse a diferença dos deuses gêmeos, a quem havia dedicado metade do poema. Um pouco mais tarde, Simônides foi avisado de que dois jovens o aguardavam do lado de fora, para falar com ele. Retirou-se do banquete, mas não encontrou ninguém. Durante sua ausência, o teto do salão desabou, matando Scopas e todos os convidados sob os escombros; os corpos estavam tão deformados que os parentes que vieram reconhecê-los não conseguiram identificá-los. Mas Simônides recordava-se dos lugares dos convidados à mesa e assim pôde indicar aos parentes quais eram seus mortos. (YATES, 2007, p.17)

A narrativa sugere que Simônides de Ceos, o poeta, ao agraciar com um poema os deuses Cástor e Pólux teria sido salvo da morte por estes. A citação acima exemplifica também o quanto a faculdade de memorizar era apreciada na Antiguidade. Dessa maneira, o poeta utilizou-se da memória, tanto para rememorar o poema que

dedicaria aos deuses, quanto para lembrar os lugares em que cada convidado morto estava na hora acidente. Ao evidenciar a evolução da memória, Le Goff (1990) afirma:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1990, p. 366).

Conforme Le Goff (1990), a memória é acionada primeiramente por funções desenvolvidas pela psique e, conforme ele, esta é a responsável por captar as percepções do homem, fazendo com que este adquira a capacidade de reter informações.

Le Goff (1990) entende que o processo de memorizar esteve ligado anteriormente a técnicas de memorização, ou seja, memorizar era considerado um ato mecânico. No entanto, estas concepções foram abandonadas, à medida que foram surgindo pesquisas mais complexas que afirmavam que o ato de memorizar não estava relacionado somente a ações mecânicas, mas também a transformações que ocorriam dentro do próprio cérebro.

Destarte, os estudos de Bergson (1999) corroboram a afirmação de Le Goff (1990) de que os estudos da memória evoluíram e algumas afirmações foram se tornando ultrapassadas. Para Berson (1999), a memória é produto de imagens que perpassam o cérebro do homem, enquanto está inserido na sociedade.

Segundo Bergson (1999), essa interação dá-se por meio da percepção. E assim, divide-a em dois níveis, que são: a percepção pura e a percepção impura. A primeira é capaz “da eliminação da memória sob todas as suas formas, de obter da matéria uma visão ao mesmo tempo imediata e instantânea” (BERGSON, 1999, p. 32). Através dessa percepção, o sujeito possuiria a habilidade de captar de forma consciente as sensações no espaço no qual está inserido. Porém, sem deixar que esse mesmo espaço possua alguma influência sobre ele.

A segunda percepção, Bergson (1999) explica que se torna impura por ser inundada de sensações que emanam do espaço no qual está inserido e por estar repleta de influências que este mesmo espaço provoca no sujeito. Conforme o autor mencionado, as mesmas lembranças continuam sendo individuais, e não possuem relação com a sociedade.

Todavia, é preciso atentar-se que é impossível que um narrador narre sua história por meio da memória e a descontextualize da sociedade na qual está inserido. Por mais que apresente sua perspectiva, o meio que o rodeia, os acontecimentos históricos e coletivos também influenciarão a sua narrativa.

Uma guerra, um tumulto, uma cerimônia nacional, uma festa popular, um novo modo de locomoção – as obras que transformam as ruas de uma cidade podem ser pensadas de dois pontos de vista diferentes. São fatos singulares em seu gênero, que modificam a existência de um grupo. Entretanto, por outro lado, esses fatos se transformam em uma série de imagens que trespassam as consciências individuais. (HALBWACHS, 2006, p. 79)

Halbwachs (2006) argumenta que isso se deve pelo fato de que a memória do indivíduo pode ancorar-se nos acontecimentos coletivos, devido ao impacto e modificações que este causou em sua vida e no grupo a que pertence. Essa observação pode ser feita em *Ainda estou aqui*. O autor-narrador-personagem evidencia que a ditadura foi um acontecimento coletivo que reverberou e reverbera até a atualidade em toda a sua família, devido à ausência do pai.

A ditadura militar é tema de muitas outras narrativas literárias. E, em todas elas, a violência do regime ditatorial marca o acontecimento coletivo que altera o rumo da vida dos indivíduos. Prisão, torturas, desaparecimento e mortes revelam como a máquina da violência imposta pelos ditadores não poupava seus inimigos.

K, de Bernardo Kucinski, é uma das narrativas contemporâneas que trazem a história de um pai em busca de sua filha desaparecida. A professora de Química da USP, Ana Rosa Kucinski, foi presa, torturada e morta pelo regime ditatorial junto com o marido Wilson Silva. A narrativa mostra a busca do pai e como os tentáculos da máquina ditatorial agia para matar e esconder as violências, corrompendo pessoas e ocultando cadáveres.

K aproxima-se de *Ainda estou aqui* não só por causa da temática da ditadura, mas também por se utilizarem da memória para tecer sua narrativa. Miranda (2009) afirma que “as memórias têm esse caráter luminoso de resgate criador de experiência compartilhada em meio as trevas”. Bernardo Kucinski, por meio do narrador de *K*, liga-se mesmo que brevemente à *Ainda estou aqui*, ao ficcionalizar um possível encontro entre famílias de desaparecidos.

Quando chegou, a reunião já começara. Havia sessenta pessoas ou mais nas cadeiras bem mais numerosas dispostas no salão. Quatro senhores sisudos que pareciam advogados coordenavam o encontro, sentados em forma de meia-lua de frente para o público; uma freira escrevia num grande caderno. [...] Depois falou outra senhora, de seus cinquenta anos, que se apresentou como esposa de um ex-deputado federal. Dois policiais vieram à sua casa, pedindo que o marido os acompanhasse à delegacia para prestar alguns esclarecimentos. Ele foi tranquilo, pois embora seu mandato de deputado tivesse sido cassado pelos militares, levava vida normal, tinha escritório de advocacia. Desde então, havia oito meses, nunca mais o viram. Na delegacia disseram que ele ficou apenas quinze minutos e foi liberado. Mas como? Como poderia ter desaparecido assim por completo? Essa senhora, muito elegante, estava acompanhada de quatro filhos. (KUCINSKI, 2014, p.15).

O encontro entre as famílias de desaparecidos objetivava entender se havia um padrão entre os desaparecimentos e o que poderia ter motivado cada um. À época, diversas entidades reuniam-se para tentar ajudar os desaparecidos. A senhora mencionada como elegante seria Eunice Paiva, a esposa de ex-deputado federal Rubens Paiva. Eunice Paiva, assim como K, tentava encontrar ajuda, para entender o motivo do desaparecimento do seu ente querido.

Ao discorrer sobre K, de Bernardo Kucinski, Mugge (2015) afirma que a narrativa, ao se apoiar em fatos históricos e reais, explora a capacidade do texto de se colocar como uma narrativa que está entre os liames da história e da ficção e se colocando ainda como um espaço possível referente a uma verdade.

Com isso, vê-se que os fatos inerentes à memória coletiva estão presentes em algumas narrativas memorialísticas, pelo fato de terem provocado muitas marcas nos indivíduos, causando, assim, estragos à sua subjetividade.

Miranda (2009) afirma que uma narração de uma autobiografia não se sustenta somente na afirmação de um eu. Ela deve ainda se sustentar em uma modificação drástica na vida de um indivíduo.

A transformação interna do indivíduo provocadas por eventos externos proporciona material para uma narrativa que tem o eu como sujeito e objeto, sendo que a importância da experiência pessoal, aliada a oportunidade de oferecer o relato a outrem, estabelece a legitimidade do eu e autoriza-o a tomar como tema sua existência pretérita. (MIRANDA, 2009, p. 31).

Miranda (2009) entende que a autobiografia não está relacionada somente à matéria do narrar por narrar, mas narrar como experiência de vida. Principalmente se

este estiver ligado, por exemplo, a vivências traumáticas e que impactaram os indivíduos de tal forma que modificaram seu interior.

Para que haja autobiografia, é necessário que se recorra à memória. Independentemente de que os fatos narrados sejam em ordem cronológica ou não, a memória sempre estará presente nas narrativas autobiográficas. Assim, a autobiografia e a memória se entrelaçam em *Ainda estou aqui* de uma maneira muito peculiar. O próprio autor, ao discorrer como fez esse enlace, afirma:

Começo com uma criança construindo sua memória, que é o meu filho Joaquim, de um ano e meio. Passo pela memória da minha mãe, com uma demência, apagando-se. E então vem o Brasil com a Comissão da Verdade, tentando resgatar a memória de tempos nebulosos. O ponto de partida foi mesmo o Alzheimer. Aquele primeiro capítulo, sobre a interdição da minha mãe, escrevi naquela época, em 2008. Achei aquela cena muito forte, o juiz me dizendo que, a partir daquele momento, eu era o responsável legal e civil dela. (PAIVA, 2015).³

As vivências familiares de Marcelo Rubens Paiva são o sumo criador da sua narrativa. A história de sua família e as suas memórias embaralham-se à história do Brasil, devido ao contexto ditatorial e as consequências deste que reverberam nos indivíduos, mesmo após décadas do fim da ditadura militar. Dessa maneira, *Ainda estou aqui* está no rol das narrativas publicadas que visam ao ressurgir do passado e como este reverbera nos sujeitos.

Arfuch (2013) afirma que recentemente houve uma disseminação de narrativas, tais como: autobiografias, memórias, diários, entrevistas, relatos de vida, dentre outros, que trazem uma via que permite ressignificar o passado por meio de vozes que visam tornar audível o seu testemunho.

Hace anos se hablo de um 'retorno del sujeto' [...]. El tempo transcurrido fue afirmando esse protagonismo – no desligado sin embargo de otras ideas de socialidad [...]. Rostros, voces, cuerpos se hacen cargo de palabras sostienen autorias, reafirman posiciones de agencia o de autoridad, testimonian el haber vivido o haber visto, desdunan sus emociones, rubrican políticas de identidad. (ARFUCH, 2013, p. 20)⁴.

³ Trecho retirado de entrevista concedida a Aline Ribeiro. *Revista Época*, 2015. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/08/marcelo-rubens-paiva-minha-mae-foi-grande-heroina-desta-historia.html>

⁴ Há alguns anos falava-se de uma 'retorno do sujeito' [...]. O tempo foi afirmando esse protagonismo - não desvinculado, porém, de outras ideias de sociabilidade [...]. Rostos, vozes, corpos tomam conta das palavras, apoiam autorias, reafirman posições de agência ou autoridade, testemunham ter vivido ou visto, apresentam suas emoções, assinam políticas de identidade.

Assim, a narrativa de si, por meio de um protagonista, vem acompanhada de fatores diversos, sobretudo de acontecimentos sociais e, às vezes, também políticos. Com isso, compreende-se que podemos analisar essa perspectiva na narrativa *Ainda estou aqui*, em que através das lembranças ancoradas no grupo familiar e, principalmente, na prisão e morte do pai, o narrador traz como recorte de sua rememoração as violências pelas quais a sua família foi submetida durante o golpe militar de 64.

Para tanto, ao sustentar a sua autoria faz com que os relatos adquiram autoridade e reforcem a necessidade de que o seu discurso seja tomado como verdadeiro. Dessa maneira, esta autobiografia surge no cenário contemporâneo como uma forma de resistir ao apagamento da memória, seja individual e/ou coletiva.

Sarlo (2007) afirma que o indivíduo que se narra voltou a ser valorizado e saiu das sombras do esquecimento, tendo seu discurso sobre sua vida pessoal ou pública revalorizado e, conseqüentemente, mantendo a lembrança e reparando possíveis danos causados a sua identidade.

“Sei que repetirei lá na frente o que narrei antes. Este livro sobre memória nasce assim. Histórias são recuperadas. Umas puxam as outras.” (PAIVA, 2015, p.35). O autor-narrador-personagem afirma que, no decorrer da construção da sua narrativa, as suas memórias poderão se repetir. Mas adverte que a repetição é um artifício, para evitar o esquecimento. Sarlo (2007) afirma que:

A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer, [...] mas da lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar. (SARLO, 2007, p. 25).

Dessa maneira, a rememoração da experiência é sempre atualizada pela força com que emerge do passado. As lembranças reavivam, no interior do sujeito, as emoções e percepções sentidas outrora.

Adorno (2003) esclarece que a inserção de narrativas memorialísticas modificou as estruturas dos tipos de romance e exemplifica:

Quando em Proust o comentário está de tal modo entrelaçado na ação que a distinção entre ambos desaparece, o narrador está atacando um componente fundamental de sua relação com o leitor: a distância estética. No romance tradicional, essa distância era fixa. Agora ela varia como as posições da câmara no cinema: o leitor é ora deixado de fora, ora guiado pelo comentário até o palco, os bastidores e a casa de máquinas (ADORNO, 2003, p. 61).

Adorno (2013) comenta acima que no romance tradicional o leitor era guiado por um narrador de forma clara e objetiva. O narrador dava segurança ao leitor, porque se comportava como alguém que tinha o controle de tudo. Enquanto, no romance moderno, o leitor é guiado através da subjetividade do narrador, sendo as explicações e detalhamentos dos fatos deixados de lado, tendo o leitor que seguir, sozinho, os movimentos do narrador.

Outra observação importante: ao citar Proust, Adorno (2003) deixa transparecer que o relato memorialístico se entrelaça à ação vivida. De modo que pessoa e discurso se fundem, sendo geralmente perpassado por um alto grau de subjetividade. A fragmentação é própria desse tipo de narrativa, já que não contempla a vida em ordem cronológica, mas sim o tempo como é percebido pelo indivíduo.

Uma forma de retomar a discussão sobre imagem a partir do pensamento de Bergson, é a memória imagética, repleta de índices, que remete o indivíduo ao passado. Ao apresentar a memória como imagem, Bergson (1999) acredita que esta é apreendida através da percepção “[...] sob forma de sentimento ou sensação [...]”. (BERGSON, 1999, p.12).

Dessa maneira, as imagens exteriores integram-se às imagens presentes no corpo, que também é composto por imagens e responsável por reter e selecionar imagens que o homem julga importantes.

Considero meu corpo com os nervos centrípetos e centrífugos, com os centros nervosos. Sei que os objetos exteriores imprimem nos nervos aferentes estímulos que se propagam para os centros, que os centros são palcos de movimentos moleculares muito variados, que esses movimentos dependem da natureza e da posição dos objetos. Mudem-se os objetos, modifique-se sua relação com meu corpo, e tudo se altera nos movimentos interiores de meus centros perceptivos. Mas tudo se altera também em ‘minha percepção’. Minha percepção é portanto função desses moleculares[...] (BERGSON, 1999, p. 17).

Por consequência, o corpo é regido por reações nervosas que acontecem no cérebro. Desse modo, as imagens apreendidas provocam estímulos diversos e influenciam na capacidade do indivíduo de observar pessoas e objetos ao redor. Conforme como os objetos se modificam ou alterem suas localizações, também se modificam os movimentos interiores, ou seja, modificam-se as sensações e impressões sobre eles. Para Bergson (1999), a memória apreende a imagem que

temos das coisas a partir da percepção que pode variar conforme os ambientes nos quais interagimos.

Assim, a autobiografia é a transposição de imagens e percepções, sob a forma de escrita. É por meio da escrita que o narrador-autor de *Ainda estou aqui* se inscreve e, ao narrar o seu passado, exterioriza sentimentos e retoma histórias significativas para ele.

Minha mãe com Alzheimer, não se lembra do que comeu no café da manhã. Minha mãe, com Alzheimer, vê meu filho de um ano, que é a minha cara e o reconhece. Não acha que sou eu, mas o chama de filhinho [...] (PAIVA, 2015, p.19).

Sua mãe desenvolveu Alzheimer e os filhos precisaram interdita-la, para que pudessem resolver suas pendências. A doença havia retirado a capacidade de cuidar de si. No entanto, ela continuava a lembrar de informações e sentimentos distantes. Tal como do filho pequeno. A semelhança física com o filho fazia com que a sua mãe reconhecesse o neto. E, assim, dispensava sentimentos de carinho ao neto, como se fosse sua mãe.

Bosi (2003) entende que Bergson mostrou novos rumos para os estudos da memória, pois ao afirmar que a memória é regida por lembranças, imagens que se vivificam, vozes que se tornam claras como se fossem ouvidas a primeira vez, ele também está atestando “essa evocação proustiana que os relatos autobiográficos mostram como atividade psíquica dotada de força e significado. (BOSI, 2003, p. 41).

A autobiografia surge das lembranças. E o indivíduo, ao se assumir como autor, narrador e personagem, assegura uma certa autenticidade sobre o seu relato. Lejeune (2013) afirma que a autobiografia se consolida na relação de igualdade entre as três categorias da narrativa mencionadas. Conforme o autor, “a identidade é imediata, instantaneamente percebida e aceita pelo destinatário como um fato” (LEJEUNE, 2013, p. 23). Dessa maneira, a identidade, mesmo que seja aceita como um fato, não se pode afirmar que é verdadeira.

No entanto, para ser aceita pelo destinatário como escrita de quem se pronuncia, há ainda um outro requisito. Lejeune (2013) menciona que há ainda a exigência do nome próprio. “É no nome próprio que pessoa e discurso se articulam antes de se articularem na primeira pessoa. [...] todas as identificações acabam fatalmente convertendo a primeira pessoa em nome próprio” (LEJEUNE, 2013, p.26).

Foucault (2001), ao discorrer sobre o autor e o seu nome, explicitou que não só o nome do autor é responsável por sua identificação. Mas, por trás do autor, há o discurso que ele engendra em suas narrativas e os signos dentro dessas narrativas que permitem a sua identificação. Assim, o autor mencionado explicita que esses signos podem ser desde pronomes pessoais, advérbios de tempo ou de lugar e, ainda, a conjugação dos verbos.

Dessa maneira, o fato de Marcelo Rubens Paiva, em *Ainda estou aqui*, nomear o seu narrador-personagem com o mesmo nome dele, não causa estranheza. Ele e sua família foram vítimas ao terem extraído deles o direito da convivência com o pai. E ainda, a indefinição da morte e a impossibilidade do sepultamento da figura paterna. O seu nome e a história que rodeia a sua família fazem com que ele, ao se autoidentificar, inscreva-se num discurso de resistência e não esquecimento do golpe de militar de 64.

Arfuch (2010) assevera que “a necessidade da autobiografia [...] não apenas explora os limites da afetividade, [...] mas introduz a convicção íntima e a intuição do eu como critérios de validade da razão” (ARFUCH, 2010, p.51). Assim, ao narrar uma história por meio da autobiografia, os fatos narrados dependem da percepção e da memória de quem narra, porque estes adentram ao campo da subjetividade. Desse encontro entre autobiografia e memória, Arfuch (2010) estabelece que

[...] el relato de una vida compromete siempre la temporalidade, existe también, em el espacio biográfico, lo que podríamos llamar el valor memorial, que trae al presente narrativo la rememoración de un pasado, com su carga simbólica y a menudo traumática para la experiencia individual y/o colectiva. Um valor doblemente significativo cuando el relato biográfico esta centrado justamente em esse pasado por su cualidad misma, por lo que ha dejado como marca, como huella imborrable en una existencia.⁵

Assim, o indivíduo, ao retratar o passado por meio de uma autobiografia, constrói o que Arfuch (2010) denomina de espaço biográfico. Este, por sua vez, está relacionado ao valor memorial que ele agrega a essas memórias. E esse valor

⁵ A história de uma vida sempre compromete a temporalidade, há também, no espaço biográfico, o que podemos chamar de valor memorial, que traz para o presente narrativo a lembrança de um passado, com sua variedade simbólica e muitas vezes traumática para o indivíduo e / ou experiência. ou coletivo. Valor duplamente significativo quando a história biográfica se centra justamente nesse passado pela sua própria qualidade, pelo que deixou como marca, como marca indelével numa existência.

expande-se à medida que estas memórias possuem impacto não somente individual, mas também coletivo.

Ainda estou aqui, de Marcelo Rubens Paiva, é uma obra que possui um espaço biográfico importante. As memórias possuem aspectos individuais, porque são narradas a partir da sua percepção sobre os fatos; no plano coletivo são memórias familiares e estas remetem ao golpe militar de 1964 e aos efeitos dela sobre diversos brasileiros e que continuam a resvalar no presente da rememoração do autor-narrador.

Dessa maneira, nas narrativas autobiográficas, a memória é, conforme Zilberman (2011, p.13), “a matéria de que se nutre a narrativa do protagonista”; é a própria vida. O indivíduo toma-se como objeto, e ancora-se nas memórias para narrar as suas experiências, as experiências de toda uma sociedade são narradas por tabela, haja visto que o ser que se narra insere-se em um contexto social, não se dissociando deste.

Pinho (2011) afirma que faz parte da literatura discutir sobre lembrar, experienciar e ficcionar a realidade. Mas essas não dão conta do mundo que a literatura pode proporcionar, como a construção de uma obra na qual o escritor introduz as suas experiências.

A autobiografia e a memória estão unidas pelo fazer literário e é por meio da escrita, como adverte Rago (2013), que o indivíduo recompõe a sua trajetória e através desta tenta entender os eventos os quais passou anteriormente. Isto porque eventos traumáticos marcam profundamente os sujeitos, e a escrita torna-se uma fuga ou uma tentativa de interpretar os sentimentos que continuam a influenciar o indivíduo.

4 AUTOBIOGRAFIA E O REVÉS DA MEMÓRIA EM *AINDA ESTOU AQUI*

Neste capítulo, pretende-se analisar a narrativa *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva, a partir das teorias da memória, trauma e autobiografia que trazem a subjetividade ao centro dos estudos literários. No primeiro tópico, discute-se como a lembrança é impactada pelo trauma imposto pela ditadura. Para tanto, faz-se uma contextualização do período ditatorial e posteriormente ancora-se na primeira parte do livro, que evidencia a importância das relações familiares do autor-narrador-personagem.

No segundo tópico, evidencia-se a relação entre memória e autobiografia, presente em *Ainda estou aqui*, embasando-se nas pressuposições de Arfuch (2010), Lejeune (2014), Halbwachs (2006).

4.1 A memória da falta em Marcelo Rubens Paiva

O período rememorado pelo autor-narrador-personagem da obra remonta aos anos de intensificação da repressão durante a ditadura militar no Brasil. Em 1964, João Goulart foi destituído da presidência, por meio de um golpe orquestrado pelos militares, com o apoio de civis insatisfeitos com o governo e com a política econômica. O regime foi extremamente opressor. Qualquer cidadão que se posicionasse contra, era reprimido fortemente. De acordo com Malard,

Professores, especialmente do ensino público, eram vigiados nas salas de aula por agentes da polícia política disfarçados de estudantes, que apresentavam ao Departamento de Ordem Política e Social – DOPS – ‘relatórios’ de tudo aquilo que, na opinião deles, chamados dedos-duros, era considerado subversivo ou desestabilizador do regime (MALARD, 2006, p. 35)

Muitos foram sequestrados, torturados, mortos e tiveram seus corpos destruídos pela ditadura. Foi esse contexto que se alterou a estrutura familiar de Marcelo Rubens Paiva e de muitos outros brasileiros, visto que havia um segmento da sociedade que não se deixou subjugar pelos desmandos do regime autoritário. Segundo Malard (2006), jornais como *O Estado de São Paulo*, *Última Hora*, revistas

como *Civilização Brasileira*, contribuíam com publicações que protestavam contra o governo, ainda que de forma velada muitas vezes.

O número 4 da *Revista Civilização Brasileira* transcreve na íntegra o Mandado de Segurança impetrado pela Editora contra o Mandado de Busca e Apreensão da obra pelo coronel encarregado do Inquérito Policial Militar contra o Instituto de Estudos Brasileiros – ISEB. Neste mesmo número Nelson W. Sodré publica a segunda parte da ‘História da História nova’, desancando o historiador Américo Lacombe que, em parecer à obra, afirma que ela ‘Amesquinha o culto cívico e deslustra os mais memoráveis fatos da nacionalidade (MALARD, 2006, p. 40)

Muitos políticos foram perseguidos e tiveram seus mandatos cassados em nome da segurança nacional, como é o caso do pai de Marcelo Rubens Paiva, o deputado federal Rubens Paiva, que foi acusado pela ditadura de auxiliar militantes comunistas, inclusive com apoio financeiro e informações. Foi preso em janeiro de 1971, e desde então foi dado como desaparecido.

Segundo Napolitano (2014), a ditadura militar empreendeu algo novo na história brasileira, pois as repressões que já haviam ocorrido até então eram extremamente violentas com os militantes de camadas mais baixas e agiam moderadamente com os civis das esferas mais altas da sociedade. No entanto, “a repressão aos grupos de oposição entre 1969 a 1974, não poupou ninguém” (NAPOLITANO, 2014, 127).

Conforme o autor mencionado, ao analisar a lista de desaparecidos, muitos eram estudantes universitários e/ou possuíam curso superior. Ana Kucinski, professora do departamento de química da USP, a filha do personagem de *K*, de Bernardo Kucinski, encaixa-se nesse quesito. No decorrer da narrativa, o autor-narrador-personagem descreve o pai: “idealista, ex-líder estudantil, achou que podia contribuir para mudar o Brasil. Nunca foi perdoado pela minha mãe. Foi eleito⁶ e cassado em 1964”. (PAIVA, 2015, p. 90).

Em *Ainda estou aqui* a mãe, Eunice Paiva, é descrita como uma mulher bonita, de alta classe, culta e que, após o desaparecimento do marido, se vê com 5 filhos,

⁶ Rubens Paiva foi eleito deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), legenda à qual também pertencia o presidente João Goulart, deposto pelo golpe militar em 1964. O PTB defendia uma ampla reforma, com destaque para a Reforma Agrária.

morando em uma casa de aluguel, e necessita sustentá-los sozinha. A mãe é a figura central da narrativa de Marcelo Rubens Paiva. Ao rememorar a imagem da mãe ainda jovem, diz: “Era prática, culta, magra, sensata e workaholic. Tudo o que não se quer de uma mãe. Falei no passado, reparou?” (PAIVA, 2015, p. 44). A rememoração da imagem da mãe no passado visa evidenciar a transformação pela qual passou a sua genitora, logo após a morte do pai.

[...] memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com os outros ambientes (HALBWACHS, 2003, p. 69).

Para Halbwachs (2003), a memória individual corresponderá a uma perspectiva do indivíduo, a partir do meio em que este está inserido. Podendo esta perspectiva alterar-se, conforme os ambientes e o contato com os outros.

Em *Ainda estou aqui*, a memória individual está presente, no entanto, a que predomina é a coletiva, vivida no seio da família. Dessa forma, o núcleo familiar comporta a maioria das lembranças descritas na narrativa. Halbwachs (2003) explicita que este permanece nas lembranças do indivíduo, por ser o primeiro grupo no qual a criança é inserida. Na narrativa há, inclusive, um capítulo dedicado a ela, logo no início. Mais precisamente, é o terceiro e intitula-se “Blá-blá-blá.....”, com destaque às famílias materna e paterna: os Facciolla e os Paiva.

A Facciollada. Minha família materna é italiana. E saudável. Raramente um Facciolla morre. Como diz o ditado, sempre repetido pela minha vó italiana, que como todo italiano, adora ditados, ‘coisa ruim não morre cedo’. [...] Somos italianos, loucos e com problemas de peso. A única pessoa não cem por cento italiana da família, era justamente minha mãe. De sangue, era. De alma, muito pouco. [...] Uma Paiva, irmã mais nova do meu pai, estudava na mesma escola e ficou amiga de uma Facciolla. Assim, meu pai e minha mãe, se conheceram, nas festinhas do casarão do seu Facciolla, em que o bate-coxa rolava solto e era famoso no bairro. (PAIVA, 2015, p. 43-44)

Vê-se que o personagem destaca a origem materna e o modo de ser italiano. Para ele, a única diferente da família seria a mãe dele. A mãe conheceu o pai em uma festa que era costumeiramente organizada pela família dela, os Facciolla.

Aparentemente, um capítulo inteiro dedicado à composição familiar pode parecer desnecessário. Mas o narrador intenciona, com isso, evidenciar não só o padrão de classe média alta a que pertencia, mas também o período de bonança e felicidade que vivenciou e que foi interrompido com o período ditatorial e a morte do pai e outros familiares.

Nos anos 40, meu avô Paiva comprou uma fazenda rústica em Eldorado Paulista, cidade fundada por garimpeiros às margens do rio Ribeira. [...] Meu pai, meus três tios e duas tias passaram a adolescência lá, numa rústica casa, que foi crescendo e ganhando anexos. Levaram namorados. Casaram-se. [...] A família cresceu. Eram vinte e cinco netos, com pouca diferença de idade, em que me incluo. A maioria foi batizada na pequena capela construída ali, como eu. **Nesse paraíso distante, passei a minha infância e a adolescência**, como meu pai (PAIVA, 2015, p.51-52, grifo nosso).

A fazenda rústica do avô foi um local de memórias felizes para Marcelo Rubens Paiva, que evidencia a importância para todos da família deste local onde, aos poucos, foram aglutinando-se por meio dos casamentos e o nascimento dos netos. O autor-narrador-personagem reitera que as lembranças da infância no interior constituem para ele uma das melhores fases da vida.

Eu era uma das crianças mais felizes do mundo. Porém, a cortina se abriu e começou o segundo ato do espetáculo, que até então era uma farsa, mas, se revelou uma tragédia. **Meu pai desapareceu em 1971**, no mesmo ano em que morreu meu tio mais velho, Carlos. Meu avô morreu dois anos depois. De enfarto. De tristeza. Logo depois, outro tio morreu num acidente de carro na estrada que ligava a fazenda a São Paulo. **Um terremoto abriu uma fenda. O sentido de tudo se modificou.** Nos perguntamos o que alimentou uma vingança tão caprichosa e cruel. O que fez os deuses da felicidade se voltarem contra nós. [...] **A tragédia dos Paiva foi um contraste com a alegria das décadas anteriores.** A família ruiu: não tinha estrutura emocional para administrar tudo aquilo (PAIVA, 2015, p. 55-56, grifo nosso).

A imagem da infância feliz, vivida na fazenda do avô, desfez-se com o desaparecimento do pai, com a morte do avô e as demais tragédias que aconteceram na família. O autor-narrador-personagem compara estas mudanças a terremotos, acontecimentos que esfacelaram a felicidade da tenra infância e o expôs ao sofrimento que é verbalizado na narrativa por meio do seu testemunho memorialístico.

Apoiando em Halbwachs (2003), podemos afirmar que as lembranças ficam impressas na memória da criança por serem as primeiras vivenciadas; sendo elas traumáticas, tornam-se mais fortes: “[...] depois de um luto, a criança conheceu um tipo de sofrimento normalmente reservado aos adultos e teve de enfrentá-lo no mesmo plano que estes” (HALBWACHS, 2003, p. 48).

Dessa maneira, o indivíduo que rememora um sofrimento ocorrido na infância pode continuar a senti-lo, como se fosse recente, podendo, muitas vezes, reverberar pela vida adulta. Selligman (2008) denomina estas memórias que se repetem recorrentemente como trauma. “O trauma mostra-se, portanto, como fato psicanalítico prototípico no que concerne à sua estrutura temporal” (SELLIGMAN, 2008, p. 69).

O desaparecimento e morte do pai configura o elemento central tanto em *Ainda estou aqui*, como em *Feliz ano velho*, obra que o lança como escritor. A passagem a seguir expressa bem a cena traumática que reverbera sempre no narrador-personagem.

Veio a Helena, tia Helena, mulher do Eltes. Minha mão tremia. Minha mãe pediu para te entregar isso. Entrega a caixa e corre! Tentando entender o que estava escrito num bilhete dobrado num papel de pão: “Rubens foi preso, ninguém pode vir aqui, senão é preso também”. Cena de que a memória guardou detalhes, segundo a segundo, do ritmo cardíaco à temperatura do asfalto, da brisa quente do mar, do tempo que tia Helena demorou, da sua surpresa ao me ver e ao ver meu desespero. Rubens foi preso. Por quê? O que ele fez? Ninguém pode vir aqui, senão é preso também (PAIVA, 2015, p. 122).

Após a prisão do pai, o autor-narrador-personagem relembra o recado enviado pela sua mãe a uma vizinha da família. O conteúdo do pequeno papel afirma que o seu pai havia sido preso. A informação o impactou de tal forma que ele ainda lembra do modo como o seu pequeno coração ficou acelerado, da temperatura quente sob os pés enquanto corria, e da atmosfera quente que emanava do mar.

A ordem foi dada. Levar a mulher do ex-deputado e a filha mais velha presente na casa. Chamaram minha mãe. Disseram que a casa ‘seria liberada’. Ela e a filha deveriam ir com dois deles no Fusca creme. Dar depoimentos. É rápido. Reconhecer umas fotos, e voltam hoje mesmo. Rotina. Minha mãe e Eliana foram escoltadas até o carro e levadas. Toda busca e apreensão se encerrava ali. Foram embora. Restaram Nalu, Treze anos, eu onze, Babi, dez e Maria José, a empregada. Estávamos liberados, mas ainda presos: numa prepotência ridícula,

nos trancaram e levaram a chave. [...] e porque merda nos trancaram e levaram a chave, que tipo de luta é essa que combatiam, que perigo três crianças representavam num sobrado do Leblon? No cenário de guerra, gestos triviais se tornam infames (PAIVA, 2015, 129-130).

A rememoração da prisão do pai, da mãe e da irmã, pelos militares, adquire uma impressão de horror para o autor-narrador-personagem, pois, quando era criança, ainda não possuía entendimento para compreender a situação na qual se encontrava. E, após adulto, a revisitação desse evento adquiriu um contorno que o fez contestar as práticas injustas e desumanas cometidas pelo regime ditatorial. Práticas estas que não se contentavam em somente torturar fisicamente, mas ainda psicologicamente, por meio de ameaças à família do preso.

No livro *Infância roubada*, publicado pela Assembleia legislativa do Estado de São Paulo, no ano de 2014, há um depoimento de Eliana, irmã do autor-narrador-personagem de *Ainda estou aqui*, rememorando a sua detenção e a de sua mãe Eunice Paiva, logo após a prisão do pai. Sua narrativa corrobora a do irmão, sobre o momento de sua prisão.

[...] lembro-me da minha mãe, no dia seguinte, me acordando e falando: “Acorda, se veste que a gente vai ter que dar depoimento”. Eu escolhi uma roupa que me cobria todo o corpo, porque eu fiquei com medo, comecei a ficar com medo de ser exposta a alguma coisa que não pudesse controlar. [...] Fomos colocadas em um fusca no banco de trás, havia duas pessoas na frente. Pararam o fusca e nós fomos encapuzadas. Era um capuz fedorento, já devia ter sido usado para tudo. (PAIVA, 2014, p. 164).

A veracidade da narrativa é confirmada a partir da semelhança dos fatos narrados por Marcelo Paiva, o que faz com que os testemunhos sejam validados. Habwachs (2003) afirma que a semelhança das lembranças narradas é possível devido a acontecimentos vividos por indivíduos do mesmo grupo.

O autor-narrador-personagem pontua que o desaparecimento do pai traumatizou a todos e, no decorrer do livro, evidencia ainda a mudança sofrida pela mãe. Conforme Freud (2010), o trauma caracteriza-se por um acidente traumático, que perdura de tal maneira que, quando é atingido por um estímulo que provoque a rememoração, em seu interior, há uma transposição deste indivíduo para este.

Minha mãe formou uma clássica família burguesa do mundo ocidental do pós-guerra. [...] Minha casa tinha empregada, e a empregada (ou babá) passava mais tempo com os filhos do que ela. No final dos anos 60, enquanto a revolução sexual transformava a vida das mulheres e as relações, ela andava entediada com a carreira de dona de casa, sempre bonita à espera de seu Don Draper. Que não era um publicitário alcoólatra de *Mad Men*, mas fumava tanto quanto (ou mais). Queria uma mulher sempre bonita à espera, com os filhos na cama, uísque com três pedrinhas de gelo, a janta pronta. Quando por sorte, Don podia sair, ligava para minha mãe Betty, e avisava do jantar de negócios, [...]. Don tinha orgulho de sua Betty sociável, elegante, com bom gosto, culta, que costurava as próprias roupas e as dele, inclusive ternos, um hobby do qual nunca abriu mão, e que falava francês melhor do que ele. (PAIVA, 2015, p. 60).

O autor-narrador-personagem reitera que a mãe, Eunice Paiva, se adequou às perspectivas que a moral burguesa da época exigia das mulheres. A comparação com a personagem Betty, de *Mad Men*, não foi ocasional. Assim como a personagem da série, Eunice Paiva tentava ser a dona de casa perfeita, costurava a roupa do marido, era culta e falava diversas línguas.

“Existem muitas minhas mães. Ela virou outra, depois de viúva. Passou a andar com gente muito mais nova. [...] A ir a festinhas. [...] Era charmosa. Não ficou no balcão da solidão bebendo lágrimas de sal” (PAIVA, 2015, p. 73). O trecho evidencia as diversas facetas que emergiram da mãe Eunice Paiva, após a morte do pai, reiterando que esta não assumiu o papel de coitada perante a sociedade. Pelo contrário, seguiu sua vida e se reinventou no papel de mulher.

Em Santos, minha mãe começou a trabalhar na empresa do meu avô aduaneiro, a Paiva Companhia. Era a primeira vez que trabalhava. Era uma assistente. Sabia o básico. Fez vestibular para a faculdade de direito em 1972 e passou. [...] Em 1974, nos mudamos para São Paulo, para um apê modesto e apertado nos jardins. Ela só tinha uma procuração do meu pai antiga [...]. Poucos a aceitavam. A situação era uma aberração jurídica: não podia sacar dinheiro do banco, apenas o da conta conjunta, mas este estava acabando; ele não estava nem morto, nem vivo, não tinha como tocar os negócios da família, tudo bloqueado; tinha um seguro de vida que não podia ser resgatado, pois não existia atestado de óbito; [...] Passou a ganhar dinheiro com revisões, bicos e traduções. Traduzia coleções dos Impressionistas da Abril (PAIVA, 2015, p. 180-181).

Com o desaparecimento do marido, Eunice Paiva trabalhou como secretária na empresa do sogro. Começou a cursar direito e ajustou-se a uma nova realidade. Ela era impedida de movimentar o patrimônio da família, sem a comprovação do óbito do marido. Sem o conforto de antes, passaram a se adequar a uma realidade mais modesta. Como sabia muitas línguas, sua mãe tornou-se tradutora e revisora. Estudou, trabalhou, sustentou os filhos, e tornou-se atuante no combate à ditadura e na luta pelos direitos humanos.

No entanto, apesar de Eunice ter dado uma reviravolta na sua vida e na de seus filhos, a ausência do marido continuava a reverberar em seu interior, pois o corpo não aparecia. Napolitano (2014) afirma que o desaparecimento era uma das artimanhas do sistema ditatorial, para não conceder notícias sobre os presos e não serem responsabilizados por suas mortes.

O autor-narrador-personagem Marcelo Rubens Paiva transcreve em seu livro uma coluna publicada por Antonio Callado em 1995, no jornal *Folha de São Paulo*. A coluna detalha um encontro tido ao acaso, com Eunice Paiva, logo após a morte do marido.

Outra recordação que me ficou nítida liga-se a Búzios. Ali fui, num final de semana de 1971, hóspede de Renato Archer. Saíra com ele, Maria, Maurício Roberto e outros amigos para um passeio de lancha. Quando paramos, ao voltar, a uns cem metros da praia, vimos alguém, uma moça que nadava firme em nossa direção. Minutos depois, subia a bordo, cara alegre, molhada do mar, Eunice Paiva, mulher do deputado Rubens Paiva, amigo de Renato, amigo meu, de todos nós, um dos homens mais simpáticos e risonhos que já conheci. Eunice andara preocupada. Rubens fora detido pela Aeronáutica dias antes e nenhuma notícia sua havia chegado à família. Mas, agora Eunice, que fora também presa mas em seguida libertada, podia respirar, tranquila, podia nadar em Búzios, tomar um drinque com os amigos, pois acabara de estar com o ministro da Justiça, ou da Aeronáutica, que lhe havia garantido que Rubens já tinha sido interrogado, passava bem e dentro de uns dois dias estaria de volta em casa. [...] A família Paiva nunca mais teve notícias oficiais de Rubens. Nunca se encontrou a cova onde o terço atirado após o assassinato. A cara de Eunice continuou molhada e salgada durante muito tempo, tal como naquela manhã em Búzios. A água é que não era mais do mar. Eu e minha mãe lemos a coluna juntos, no sábado em que foi publicada, durante um almoço na casa dela. Acho que ficou lisonjeada. Você se lembra desse dia em Búzios? - Claro. Foi dias depois de eu ser solta, em 1971, eu estava magérrima, queimada, de biquíni, linda... – ela disse, e foi sorridente para cozinha. O que importa era que ela estava magra, magérrima, queimada, linda. **E que a prisão não a quebrou por dentro.** (PAIVA, 2015, p. 35-36, grifo nosso).

A citação anterior evidencia o caráter luminoso da memória e de como esta pode emergir de diferentes formas pelos indivíduos. Callado⁷ rememora que Eunice parecia estar bem. Ela não externava aos amigos a sua preocupação. No entanto, estava preocupada, pois já havia recorrido até ao Ministro da Justiça, para saber notícias do marido.

No verão de 1971, a imagem da minha mãe, aliviada, de biquini, com os olhos castanho-claros brilhando sob a luz do sol, quarenta e um anos, subindo alegre numa lancha depois de ficar doze dias presa no DOI-CODI do Rio de Janeiro, sem ter a menor ideia de que por que fora presa nem de que o marido estava morto havia muito, não saiu da memória de Callado. **Escritor é assim. Lembra-se das contradições enormes, de imagens que podem ser descritas décadas depois, pois ficou tocado por ela.** Ela tinha perdido vinte quilos. Ficou presa numa cela de fundo, em que quase ninguém aparecia. Sem sol. Ela não viu meu pai, apenas a sua foto no álbum de presos, o que a deixou contraditoriamente aliviada, pois então ele estava ali, nas mesmas dependências, vivo, e ao mesmo tempo angustiada, pois seu rosto fazia companhia ao de centenas de presos, suspeitos, guerrilheiros, inimigos do sistema, procurados, mortos em combate, torturados, subversivos, ou, como preferia a imprensa: O Terror! (PAIVA, 2015, p.37, grifo nosso)

Na citação acima, ao destacar as contradições das lembranças de Callado, o autor-narrador-personagem evidencia que escritor utilizou de uma linguagem estética e literária, para lembrar o sofrimento de sua mãe. No entanto, mais abaixo, ele lembrou que a magreza dela era resultado de sofrimentos físicos, pois os militares cessavam a alimentação dos presos, como forma de torturá-los e ainda de abusos psicológicos aos quais ela foi submetida. Ela era obrigada a ver e rever fotos de possíveis comunistas, para atestar se conhecia algum e o entregava.

Ainda relacionado à citação anterior, pode-se perceber que a personagem Eunice Paiva, ao rememorar afirmando que estava magra, queimada e linda, utiliza-se de um sistema de autodefesa, para preservar o seu interior. Selligman (2014) afirma que muitos indivíduos que são obrigados a vivenciar situações violentas ficam impossibilitados de dar o seu testemunho. Essa ausência de testemunho, conforme o teórico mencionado, causou diversos obstáculos para a literatura de testemunho. Isto

⁷ Antônio Callado (1917-1997). Jornalista, romancista, biógrafo e dramaturgo brasileiro.

porque aqueles que não conseguiam narrar suas vivências tinham o discurso negligenciado.

Eliana Paiva (2014), irmã de Marcelo Rubens Paiva, ao conseguir narrar o que viveu na adolescência, quando foi presa juntamente com a mãe, afirmou que preferiu recalcar as memórias, por saber que não saberia lidar com aqueles sentimentos de dor e trauma. A impossibilidade do testemunho está relacionada, também, a uma estratégia de sobrevivência do indivíduo.

Na adolescência, eu insistia com a minha mãe, conta a verdade, o que aconteceu, por que ele foi preso, por que nunca podemos tocar no assunto. Ela se levantava e saía da mesa. Porque talvez não soubesse. Porque talvez ninguém soubesse. Ela não gostava que se falasse dele, dela, do inferno que viveram, das relações dele com a esquerda armada. Para ela, ele era um político cassado que foi preso por ajudar a filha de um amigo, jovem que enviou uma carta de agradecimento do Chile e, por descuido da organização foi interceptada. [...] Nunca quis discutir se havia indícios de que ele estivesse ligado, de alguma maneira, a organizações de esquerda. Apesar de hospedarmos figuras suspeitas do PCB numa emergência. Apesar de ele rir quando os telejornais diziam que o embaixador suíço sofrera maus-tratos (PAIVA, 2015, p.220-221).

O autor-narrador-personagem Marcelo Rubens Paiva indica que ao seu leitor que a mãe evitava falar sobre a morte do pai e os motivos pelos quais morreu, pois lembrar significava reviver todo o sofrimento vivenciado naqueles tempos tão difíceis.

A dor que não cessa no autor-narrador-personagem pode ser visível no decorrer do livro, não só pela morte do pai, mas pela impossibilidade do enterro físico do seu corpo. Teles (2009) afirma que esta violência cometida pela ditadura atravessou níveis inimagináveis, pois privou os indivíduos de atestados de óbito. E mais: fez com que estes perdessem a relação com o passado e violentou as famílias, que não puderam vivenciar as etapas do luto.

Do ponto de vista da psicanálise, Freud (1915) afirma que o luto é essencial para o processo de aceitação da morte de alguém amado e tornar este impossível é uma violência contra os indivíduos. Assim, o indivíduo que não passa pelo processo do luto pode ter tendência, conforme o autor mencionado, a transformar-se em um indivíduo melancólico.

Em *Ainda estou aqui*, o autor-narrador-personagem sugere que o mal de Alzheimer desenvolvido pela mãe seja reação desse intenso sofrimento vivenciado após o desaparecimento e morte do marido. “Alguns acham que o mal de Alzheimer aparece em alguém com um trauma profundo. O da minha mãe não tem fim” (PAIVA, 2015, p. 57). Para ele, o drama da morte do pai é uma dor que nunca cessa e estes estão sempre revivendo este trauma, que se fixou nas suas memórias. E é por meio desse sofrimento que é expresso ao leitor ao decorrer da narrativa, por meio de fragmentos de memória, que *Ainda estou aqui* pode ser considerada um constructo autobiográfico.

4.2 Autobiografia e memória em *Ainda estou aqui*

A narrativa enfoca principalmente a atuação da mãe como reconstrutora da família, e como esta lutou para cobrar explicações sobre a morte do marido e punição dos culpados. Portanto, os elementos autobiográficos e memorialísticos estão presentes em toda narrativa de *Ainda estou aqui* e se interpenetram a todo instante no decorrer desta, tornando-se indissociáveis para o entendimento da trama.

Por autobiografia, Lejeune (2014) entende que se trata de uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência [...]”. Esta retrospectiva é arquitetada por meio da memória, que possui a capacidade de absorver, selecionar e resgatar fatos importantes que marcaram o indivíduo.

A memória por si só é um constructo imagético tal como mencionou Bergson (1999). Este constructo é repleto de índices, fragmentos de partes importantes da nossa trajetória enquanto indivíduos e também de lembranças vazias, ou seja, esquecidas, voluntariamente ou involuntariamente, e que podem ser lembradas por outros indivíduos, que às vezes completam a nossa memória.

Halbwachs (2003) afirma que a memória de um indivíduo pode ser completada por outra, haja visto que são seres sociais e que esta vai depender do espaço ou ponto de vista que estes se encontram num determinado espaço. *Ainda estou aqui* é uma narrativa autobiográfica erguida a partir da percepção de um indivíduo, o autor-narrador-personagem Marcelo Rubens Paiva, com o auxílio de suas memórias

individuais, mas também com o auxílio das memórias que lhe foram narradas por outros, como a mãe.

Arfuch (2013) entende que a autobiografia retrata um tempo e um espaço que não se passa no exterior do indivíduo, mas no seu interior e nos liames da afetividade. Dessa maneira, a narrativa pode ser tida como uma autobiografia, a partir do título que dá nome a obra. Marcelo Rubens Paiva, em entrevista à *Rádio Cultura*, no dia 06 de outubro de 2015, afirma que o título é uma homenagem à sua mãe Eunice Paiva e explica o porquê.

[...] o livro se chama *Ainda estou aqui*. Porque uma vez ela me disse. Aliás, ela me disse ontem de novo. Ela disse ontem. Ela disse há duas semanas atrás e ela disse há meses atrás, quando eu estava terminando o livro e ainda não tinha esse título. Foi o Luiz Schwarcz que deu esse título. Ela fala essa frase: Ainda estou aqui. Ainda estou aqui. Ontem ela me disse de novo essa frase: Ainda estou aqui. É interessante. Porque é uma memória que está se apagando. Mas, eventualmente há uns reflexos de lucidez e nesse reflexo, ela até entende o que está acontecendo. Entende o que estamos conversando. Ontem estava todo mundo numa mesa grande, família almoçando no domingo, passando futebol na televisão. E ela falou: Ainda estou aqui. Então esse livro é um pouco, é em homenagem a essa pessoa que eu quero é eternizar a vida dela por meio da literatura. E que muitas vezes, muita gente acha que não está mais aqui. Mas, está. (Paiva, 2015).⁸

Marcelo Rubens Paiva (2015) transformou a frase dita por sua mãe, Eunice Paiva, no título do seu livro. A senhora idosa, com Alzheimer em estágio 3 e com uma perda da memória progressiva, tinha lapsos de lucidez. Dizia essa frase para alertar aos filhos que estava presente, mesmo quando estes julgavam que esta não estava lúcida.

O enquadramento de *Ainda estou aqui* como uma autobiografia é regido pela junção de alguns elementos propostos por Lejeune (2014): o gênero (narrativa em prosa); assunto tratado (a trajetória de um sujeito com foco em sua vida e em sua personalidade); situação do autor (autor e narrador compartilham do mesmo nome); posição do narrador (assume a identidade do narrador e de personagem principal e

⁸ O trecho transcrito foi retirado de uma entrevista concedida por Marcelo Rubens Paiva ao Programa *De volta para a casa* da rádio Cultura FM, em 06/10/2015. O título da entrevista foi: Marcelo Rubens Paiva pretende homenagear a mãe, que ele pretende eternizar na Literatura.

adota uma perspectiva de volta ao passado). Uma autobiografia consiste em possuir todos esses elementos ou alguns deles, devendo ter como tema principal a vida individual de um sujeito.

Ainda estou aqui enquadra-se em todos esses elementos defendidos por Lejeune (2014). É um dos fatores que imprime a esta obra uma condição autobiográfica é autor, narrador e personagem compartilharem o mesmo nome. Para que haja autobiografia, é preciso que haja relação de identidade entre autor, o narrador e o personagem. Essas três instâncias devem ser passíveis de serem reconhecidas no livro.

“Se tudo é recriação de algo inventado, nada é invenção. [...] Faço uma releitura [...] da vida da minha família” (PAIVA, 2015, p. 3). Nesse trecho, fica subtendido através do verbo fazer que há um eu que reconstrói a vida da família. Lejeune (2014, p. 18) afirma que “a identidade narrador-personagem principal, suposta pela autobiografia, é na maior parte das vezes marcada pelo emprego da primeira pessoa”. Com isso, o eu que narra não possui um distanciamento do olhar da história. Este sujeito viveu a história que narra.

Conforme Lejeune (2014), há exemplos de autobiografias que não são narradas em primeira pessoa. Em *Ainda estou aqui*, esse evento acontece somente uma única vez. Eis o trecho a seguir:

O elemento Marcelo Paiva, universitário, morador de uma república estudantil em Campinas, na rua Carolina Florença afirma ser namorado da ex-colega de escola [...] moradora da Cidade Jardim, São Paulo, capital (PAIVA, 2015, p. 85).

O uso da terceira pessoa no trecho acima emprega um distanciamento para evidenciar que a pessoa que narra não é mais a mesma pessoa do passado. Essa condição autobiográfica é passível de ser verificável ainda no mesmo trecho, devido ao nome próprio que é evidenciado algumas vezes durante a narrativa.

Toda vez que passo pela Afrânio, imagino a cena: o garoto de onze anos, em 1971, correndo desesperado num inocente dia de praia, voltando para casa em pânico, para os braços da mãe, sabendo que o pai foi preso. [...] Por muitos anos, as traves em frente de casa

mantiveram um rabisco que fiz na infância: MRP. Por muitos anos, fiz questão de checar se o rabisco se mantinha na década de 70, 80. Mataram o RP, mas o MRP resistia (PAIVA, 2015, p. 123).

O autor-narrador-personagem afirma que, sempre que transita pela avenida em que morou, lembra do dia em que o pai foi preso. Ainda garoto, possuía o hábito de marcar as siglas dos nomes pelos lugares que passava. Um desses lugares era um campo de futebol, situado em frente à sua antiga residência. A sigla RP significa Rubens Paiva e MRP refere-se ao seu nome completo, Marcelo Rubens Paiva.

A cerca do nome próprio, Lejeune (2014) afirma que “[...] o próprio texto oferece em sua margem este último termo, o nome próprio do autor, ao mesmo tempo textual e indubitavelmente referencial” (LEJEUNE, 2014, p. 42). Portanto, a coincidência entre essas três instâncias é, para o autor mencionado, o suficiente para que não se duvide do caráter autobiográfico de uma obra.

Avaliando a sua obra *O pacto autobiográfico*, Lejeune (2014) afirma que pode ter cometido algum excesso, ou como ele próprio afirmou, possa ter sofrido por acreditar em uma ideologia autobiográfica.

[...] que ilusão acreditar que se pode dizer a verdade e acreditar que temos uma existência individual e autônoma!... Como se pode pensar que, na autobiografia, a vida vivida produz o texto, quando é o texto que produz a vida!... Meu propósito em “ O pacto autobiográfico” não era entrar nesse debate, mas simplesmente explicitar e descrever as posições e crenças necessárias ao funcionamento desse sistema. [...] é melhor eu reconhecer minha culpa: sim, sou ingênuo. Creio ser possível se comprometer a dizer a verdade; creio na transparência da linguagem e na existência de um sujeito pleno que se exprime através dela; creio que meu nome próprio garante minha autonomia e minha singularidade (embora já tenho cruzado com vários Philippe Lejeune); creio que quando digo “eu”, sou eu quem fala. [...] Dizer a verdade sobre si, se constituir em sujeito pleno, trata-se de um imaginário. Mas, por mais que autobiografia seja impossível, isso não a impede de existir (LEJEUNE, 2014, p. 75-76-77).

De fato, é impossível o homem possuir uma existência individual e autônoma, estando no seio de uma coletividade. Dessa maneira, Lejeune (2014) concorda que é a linguagem que dá vida ao sujeito e não vice-versa; assim, afirma que ao tentar sistematizar a autobiografia, ele a fez conforme as características que encontrou em comum nos mais diversos textos que havia pesquisado. Ele explicita que continua a acreditar que um indivíduo possa exprimir algo de verdade através de um texto,

embora esse posicionamento cause controvérsias em relação a estudos mais recentes, já que o indivíduo vai se reconstruindo a partir das experiências acumuladas e dos impactos dos acontecimentos.

Arfuch (2010) entende que o “eu” insere-se no texto literário por meio da subjetividade empregada na linguagem que permite ao sujeito imprimir reflexões sobre o vivido.

[...] a aparição de um “eu” como garantia de uma biografia é um fato que remonta a pouco mais de dois séculos somente, indissociável da consolidação do capitalismo do mundo burguês. Efetivamente, é no século XVIII – e segundo certo consenso, a partir das *Confissões* de Rousseau – que começa a se delinear nitidamente a especificidade dos gêneros literários autobiográficos, na tensão entre a indagação do mundo privado, à luz da incipiente consciência histórica moderna, vivida como inquietude da temporalidade, e sua relação com o novo espaço social. Assim, confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências traçariam, para além de seu valor literário intrínseco, um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente (ARFUCH, 2010, p.36).

Para Arfuch (2010), o surgimento de um “eu” que se escreve está relacionado ao capitalismo burguês e está atrelado, principalmente, às *Confissões* de Rousseau. Este filósofo é considerado o estreador dos gêneros autobiográficos, pois desvendou o seu espaço privado e pôs-se ao jugo dos seus leitores. Dessa maneira, ela entende que a individualidade teve valor preponderante após as confissões, autobiografias e memórias adquirirem não só valor literário, mas por funcionarem como um espaço autorreflexivo.

Lejeune (2014) afirma que, por conta do indivíduo se colocar nesse espaço autorreflexivo de narração, não quer dizer que a sua história seja ficcional. Veja abaixo:

Há verdades que ferem. [...] O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de “identidade narrativa”, como diz Paul Ricoeur, em que consiste qualquer vida. É claro que ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-lo ou simplificá-los. Mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel a minha verdade: todos os homens que andam na rua são homens - narrativa, e é por isso que conseguem parar em pé. Se a identidade é um imaginário, a autobiografia que

corresponde a esse imaginário está do lado da verdade. Nenhuma relação com o jogo deliberado da ficção. (LEJEUNE, 2014, p. 121)

Escrever sobre si, para Lejeune (2014), é escrever sobre a verdade. Por mais que estas verdades provoquem dor em quem as escreve, ao mesmo tempo, este indivíduo está constantemente recriando o que Lejeune (2014) denomina de identidade narrativa. Ou seja, ele não está se inventando, mas aperfeiçoando algo que ele julga como verdadeiro.

Dessa maneira, este sujeito não desaparece, mas se transforma, uma vez que a sua escrita e discurso é pautado em si, nos seus sentimentos, percepções e memórias: “[...] toda narrativa, enquanto processo temporal essencialmente transformador, impõe à sua matéria: contar a história de uma vida é *dar vida a essa história*” (ARFUCH, 2010, p. 36).

A importância da memória para a construção desta narrativa autobiográfica foi evidenciada desde os primeiros parágrafos. “Já temos MEMÓRIA desde o primeiro dia em que nos deram à luz!” (PAIVA, 2015, p.16). O autor-narrador-personagem destaca a palavra em letras maiúsculas, para evidenciar que esta é um dos pilares para a construção da sua narrativa. E, ainda, que estas memórias não são quaisquer memórias, pois adquirem uma significação fora do comum para ele. Sobre a significação do que é recordado, Freud (1950) destaca:

[...] o que quer que pareça importante devido a seus efeitos imediatos, ou diretamente subsequentes, é recordado, o que quer que seja jugado não essencial é esquecido. Se posso lembrar alguma coisa longo tempo após a sua ocorrência, considero o fato de tê-la retido em minha mente como evidência de que ela tenha produzido sobre mim uma profunda impressão no momento (FREUD, 1950, p, 49).

Seguindo o pensamento de Freud (1950), podemos afirmar que a memória do indivíduo é formada a partir do impacto da experiência na vida dos indivíduos. Quanto mais impacto produzirem sobre o interior do indivíduo, mais estas poderão ser lembradas.

Para isso, o narrador-personagem articula as suas memórias em torno das suas lembranças. Apoiase ainda nas lembranças de irmãs, mãe, amigos e até de trechos retirados de jornais da época. Realiza, assim, um verdadeiro apanhado memorialístico para construir o caráter autobiográfico da obra.

Lejeune (2014) afirma que o discurso autobiográfico pode ser comparado a um labirinto. Isto porque é composto por uma memória que por vezes alterna passado e presente.

A memória não se acumula sobre a outra. A recente não é resgatada antes da milésima. Que não fica esquecida sob o peso das novidades. O passado interage com o segundo vivido, que já ficou para trás, virou memória recente. Memórias se embaralham (PAIVA, 2015, p. 191).

O autor-narrador-personagem introduz esta noção de acumulação de memória para evidenciar ao seu leitor a preponderância dos fatos vividos e a forma como estes marcaram o seu interior. As memórias embaralham-se por causa da subjetividade do indivíduo, que é um ser múltiplo e social.

Ao discorrer sobre como as memórias se projetam no interior do indivíduo, Bergson (1999) comparou a memória a um cone, onde as percepções do passado estariam no fundo e as recém-absorvidas estariam no vértice. No momento da absorção das recentes, estas acionam algo, como que um gatilho, fazendo com que as memórias do passado ressurgam e voltem a fazer sentido para o indivíduo.

Conclui-se no decorrer da narrativa que o indivíduo que rememora não é um velho. Se na Antiguidade, conforme Bosi (2003), os velhos eram considerados os depositantes da memória e os responsáveis por transmitirem estas, na contemporaneidade, o que foi vivido, pode ser transmitido por qualquer indivíduo. Haja visto que “[...] a memória [...] parte de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais” (BOSI, 2003, p. 20). Veja abaixo um trecho em que o autor-narrador-personagem vai ao encontro da afirmação anterior de Bosi (2003).

A intensidade de uma lembrança é diretamente proporcional à sua antiguidade. As recém-chegadas somem antes daquelas de que lembramos muitas vezes na vida, as adquiridas. Quanto mais antiga e primitiva, mais estável ela é. As últimas se vão primeiro (PAIVA, 2015, p. 34).

O autor-narrador-personagem brinca com a fluidez da memória e com a sua capacidade de resgatar lembranças antigas. Quanto mais antiga, mais ela se torna visualizável. E para a manutenção da sua memória afetiva, ele se utiliza de uma ida ao centro de São Paulo com a mãe como quadro referencial.

Centro Velho de São Paulo. Saímos da estação Liberdade. Minha mãe, minha irmã Veroca e eu. Cruzamos o largo Sete de Setembro. Me lembro do cheiro de que ia chover e do agito em torno do fórum. Ela já tinha feito aquele caminho centenas de vezes. Mas, se a soltássemos ali, sozinha, naquela tarde abafada, ela estancaria e não saberia o caminho de volta. Se perderia num raciocínio circular, sob uma enchente de imagens, sinapses, comandos, lembranças, que inundariam seu cérebro, fariam do conhecido, desconhecido, resultariam numa só pergunta: - O que eu estou fazendo aqui? (PAIVA, 2015, p. 19).

A figura materna e o seu esquecimento provocado pelo Alzheimer constituem um dos pontos de partida para a narrativa memorialística. Ao rememorar sobre a constante luta da mãe, o autor-narrador-personagem afirma que a mãe é uma figura que merecerá destaque num livro.

23 de fevereiro de 1996. Centro velho de São Paulo. Calor. Sol. Não ia chover. [...] Meu pai, um dos homens mais simpáticos e risonhos que Callado conheceu, morria por decreto, graças à Lei dos Desaparecidos, vinte e cinco anos depois de ter morrido por tortura. Na calçada, avistamos a baixada, o parque Dom Pedro (o que restou dele). Ela ergueu o atestado de óbito para imprensa, como um troféu. Foi naquele momento que descobri: ali estava a verdadeira heroína da família; sobre ela que nós, escritores, deveríamos escrever. (PAIVA, 2015, p. 37-38).

A afirmação do autor narrador-personagem é evidenciada no início do livro, logo após a rememoração da coluna escrita por Antonio Callado sobre a morte de Rubens Paiva e a prisão de Eunice Paiva e sua filha Eliana. Logo após, ele conclui que, apesar do pai dele, ela era uma figura que também merecia destaque. Foi ela que ditou o tom e assumiu uma luta efetiva contra o regime ditatorial.

Minha mãe esteve na capa de todos os jornais no dia seguinte. Com o atestado de óbito erguido, alegre. Uma batalha foi vencida. Vitória. Ela nuca faria uma cara triste. Bem que tentaram. Por anos, fotógrafos nos queriam tristes nas fotos. Com o tempo, aprendemos a selecionar qual órgão evitar e como nos portar. Éramos 'A família vítima da ditadura'. Apesar de preferirmos a legenda 'Uma das muitas famílias vítimas de várias ditaduras'. [...] A família Rubens Paiva não é vítima da ditadura, o país que é. O crime foi contra a humanidade, não contra Rubens Paiva. Precisamos estar saudáveis, bronzeados para a contraofensiva. Angústia, lágrimas, ódio, apenas entre quatro paredes. Foi a minha mãe quem ditou o tom, foi ela que nos ensinou. (PAIVA, 2015, p. 38-39).

A rememoração sobre o recebimento do óbito do pai ficou muito marcado nas lembranças dele, pois o ato de a mãe levantar o documento funcionou como se esta

estivesse levantando um troféu de vitória sobre a ditadura e sobre os diversos meios de comunicação, que queriam explorar a imagem de família sofrida para a sociedade. Dessa maneira, ele reitera que a mãe os conduziu a acreditar que eles não eram somente a única família vítima da ditadura. Eram uma das muitas famílias que tiveram seus entes desaparecidos e mortos.

Ao discorrer sobre a memória individual e a memória coletiva, Pollack (1992) afirma que estas memórias possuem alguns elementos em comum. Segundo ele, o primeiro elemento constitui-se pelos episódios experimentados pela própria pessoa. E seguindo a este junta-se os episódios “[...] ‘vivididos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (POLLAK, 1992, p. 02).

Os acontecimentos vividos por tabela seriam episódios vividos no seio da coletividade, mesmo quando o indivíduo possa não estar presente. Tais acontecimentos atingem a sociedade com tanto impacto que acabam por reverberar em indivíduos que não o presenciaram, mas que sentem os efeitos daqueles.

A esses elementos da memória, de acordo com Pollak (1992), somam-se ainda outros elementos, que seriam as pessoas e/ou personagens com as quais o indivíduo se deparou em vida, ou personagens que se tornaram ligadas a eventos que atingiram a toda a uma sociedade.

Ao discorrer sobre o tema, Pollak (1992) afirma que, além de enumerar os acontecimentos, pessoas e personagens como elementos constituintes da memória, há também a existência dos lugares de memória. Estes seriam espaços ligados a uma lembrança individual ou até mesmo coletiva. Tais espaços seriam lugares de forte vivência afetiva, tais como a casa em que um indivíduo nasceu, e/ou podem ter forte valor patrimonial, tais como os monumentos.

Pollak (1992) enumera esses elementos para afirmar que a memória também pode ser transmitida e cita como exemplo entrevistas que fez com alguns indivíduos da Normandia sobre o período que essa nação foi atacada pelos alemães em 1940.

Segundo ele, estes indivíduos, na época da Segunda Guerra Mundial em 1940, possuíam entre 17 e 18 anos, e ainda assim julgavam se lembrarem de combatentes alemães com capacetes pontiagudos. No entanto, Pollak, em seu trabalho de pesquisa, confirmou que este modelo de capacete era próprio dos soldados da Primeira Guerra Mundial. Destarte, estes indivíduos acabaram transmitindo características aproveitadas das memórias de seus pais. Pollack (1992) cita esses

elementos para discorrer sobre como a memória é seletiva e também pode ser herdada.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória (POLLAK, 1992, p. 04).

Assim, a memória é herdada devido acontecimentos sentidos não só por uma pessoa. Mas ela sofre interferências do meio em que está exposta, e acaba sendo influenciada por essas, que se solidificam em seu ser. Conforme Pollak (1992), essa solidificação acabar por refletir que há uma estreita relação entre memória e identidade.

A influência da mãe sobre o autor-narrador-personagem e sob a sua formação é rememorada por diversos momentos da narrativa. “Minha mãe me ensinou algo que não se ensinava nas escolas, em parte alguma: como tratar bem uma garota” (PAIVA, 2015, p. 75). A mãe, ao assumir o papel de chefe da família, assumia consigo todas as responsabilidades inerentes ao cargo.

Ao longo da narrativa, infere-se que a morte do pai influenciou na atuação e mudança não somente da esposa, Eunice Paiva, mas também em seus filhos, que durante a adolescência e início da fase adulta se envolveram com manifestações contra o regime ditatorial.

1976. Ano em que prestei o primeiro vestibular. Ano em que recomeçaram as manifestações políticas no Brasil. A “ sorte “ é que tinha uma ditadura a ser combatida, para extravasar nossas frustrações. Claro que só os ‘comunistas’ da escola fizeram parte das primeiras passeatas reorganizadas pelos estudantes da USP [...]. Éramos considerados os secundaristas, o apoio, ou massa de manobra, termo pejorativo. A liderança estudantil pedia calma e não revidássemos as provocações da repressão. [...] Minhas irmãs, sim, militaram no movimento estudantil. Na verdade, não contribuí efetivamente com quase nada para a queda da ditadura. Minha mãe irmãs, sim. Apenas escrevi expondo meu desencanto (PAIVA, 2015, p. 183-196).

A morte do pai pela ditadura influenciou a mulher, o filho e as filhas de diversas formas, pois estes acabaram assumindo a missão em que o pai fora mal sucedido. O autor-narrador-personagem rememora que, no auge da adolescência, chegou a

participar de manifestações contra a ditadura. No entanto, suas atuações restringiam-se a pequenas atuações nas ruas.

Candau (2012, p. 19) afirma que “a memória é geradora de identidade, no sentido que participa de sua construção, molda a predisposição que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado”. Pode-se perceber que os traumas vivenciados pelo autor-narrador-personagem influenciaram em sua subjetividade e identidade, de forma que, por alguns anos da sua juventude, tentou se comparar ao pai. Veja o trecho abaixo:

Meu pai também foi meu modelo. Imitá-lo era uma missão. Ser como ele, ter sua integridade, seu carisma, inúmeros amigos, prestígio, uma profissão que incluísse viagens. Olhava para minha mãe e deduzia que ela me preferiria um filho engenheiro como o marido, com chances de obter um bom patrimônio no futuro, ajudar nas finanças abaladas da família, que vivia hoje sem saber do amanhã (PAIVA, 2015, p. 186).

No auge da sua adolescência, imitar o pai era uma forma de se conectar a ele de alguma forma. Haja visto que passava por intensas transformações sem eu interior e este não tinha o pai-modelo para orientar e o conduzir. Assim, ao sair do ensino médio, acreditou que ser engenheiro, como o pai, seria uma forma de agradar à mãe e continuar o seu legado.

O autor-narrador-personagem rememora que esta tentativa foi frustrada, tendo prevalecido os dons relacionados à arte. “Engenharia, como existencialismo, era um fardo” (PAIVA, 2015, p. 189). Após largar a engenharia, ainda tentou continuar seguindo os rumos que o pai teve outrora. Tentou cursar jornalismo e depois migrou para Rádio e Televisão, passando a escrever livros. Apesar de tentar seguir os rumos do pai, ele direcionou-se mesmo foi para as Letras, assim como a mãe. “Orgulhava-se da minha escolha. Ela também havia feito Letras” (PAIVA, 2015, p. 212).

A memória do trauma do pai marcou tanto a sua memória e o seu interior que ele atesta que:

Minha dissertação de mestrado foi sobre a luta armada. Entrevistei muitos dos que participaram dos dois lados. Li de tudo. Relatos de presos que estiveram no mesmo DOI-CODI, no mesmo período. O último livro que li foi justamente o do Almícar Lobo. O trocadilho do título é infame: *A hora do Lobo*. Lá estava a descrição completa da morte do meu pai na contracapa. Caí num choro incontrolável. Coitado... coitado... Eu não tinha percebido, mas estava evidente: minha pesquisa de mestrado,

de 1991 a 1995, era uma busca pelo que tinha acontecido com meu pai. Eu não percebia, mas era evidente: eu o pesquisava através de outros relatos, outros personagens, sobreviventes. (PAIVA, 2015, p. 211).

Foi mencionado anteriormente que a mãe nunca falava o motivo do marido ter sido preso. A ausência dos conhecimentos desses motivos, juntamente com a ausência do corpo e de notícias sobre o que realmente aconteceram, conduziram o autor-narrador-personagem a uma busca pelo pai. Gagnebin (2009), ao refletir sobre as motivações da memória, utiliza o conceito de rastro, afirmando que:

[...] a memória vive essa tensão entre presença e ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. (GAGNEBIN, 2009 p. 44).

Conforme Gagnebin (2009), há uma duplicidade própria da subjetividade do indivíduo que rememora o passado. Isto porque, como não há concretização e certeza da morte do indivíduo desaparecido, este continua a se fazer presente na vida dos entes queridos.

Em *Ainda estou aqui*, o autor-narrador-personagem reverbera em seu interior a ausência do pai nas lembranças do que foi vivido, mas também nas saudades do que não foi vivido.

Tinha comprado um terreno gigantesco de uma pedreira falida no sovaco do Cristo, no Jardim Botânico, um achado típico de engenheiro. Faria a nossa casa lá, finalmente uma casa com escritura, sua, da família. **Passávamos horas na sua prancheta desenhando a casa, cada um com seu quarto, com seu banheiro, com varanda. Haveria um campo de futebol no gramado. Tinha espaço para tudo.** O projeto estava somente no papel. Visitávamos o terreno. Tinha uma jaqueira no meio. Por meses, a única coisa que desfrutamos dele foi sua jaca. (PAIVA, 2015, p. 107, grifo nosso).

O autor-narrador-personagem resente a ausência do pai, por meio do que foi vivenciado, e também pelo que deixou de ser vivenciado. A família não possuía casa e morava de aluguel. O terreno aos pés do Cristo foi um sonho idealizado em família, que a ditadura militar não deixou que se concretizasse. Arfuch (2013), em *Memoria y autobiografia* afirma, que o autobiografado ao dispor de seus sentimentos para os leitores, faz com que estes se sintam íntimos da sua história e seus sentimentos.

Memória coletiva e memória social acabam entrelaçando-se nesta narrativa autobiográfica de uma forma bastante peculiar. Em uma entrevista concedida à

Mariana Figueiras, colunista do jornal *O Globo*, publicada no ano de 2015, Marcelo Rubens Paiva deixa claro que *Ainda estou aqui* é uma homenagem à mãe, mas também era resultado de inquietações provocadas por recentes manifestações a favor da volta da ditadura.

Com a publicação, ele queria trazer para essa geração atual o seu testemunho e o de sua família, dos horrores causados pela ditadura militar e os impactos impostos sobre a sua família e às famílias de diversos outros indivíduos, que foram perseguidos, torturados e mortos pelo regime ditatorial.

Ao expor sobre como as memórias individuais participam da memória coletiva e histórica, Halbwachs (2003) entende que o indivíduo, apesar de ter uma memória individual, esta também interessa à coletividade, a partir do momento que o indivíduo narra lembranças impessoais.

Foi mencionado, anteriormente, que os anos da ditadura marcaram muitos indivíduos. Tanto pela forma como chegou ao poder, quanto pela atuação em várias esferas da sociedade. Halbwachs (2009) entende que certos acontecimentos tomam grandes proporções e acabam atingindo as diversas esferas da sociedade.

Ao recordar o avanço da Ditadura, Paiva (2015) narra:

A intenção do golpe de 64 era impedir o avanço comunista no Brasil e restaurar a democracia em dois anos. Não demorou muito, o ex-presidente Juscelino Kubitschek, candidato favorito à reeleição, foi cassado, acusado de corrupção e de colaborar com comunistas. [...] Carlos Lacerda, governador do Rio, então aliado, foi surpreendentemente cassado. Logo ele, quem mais discursou a favor do golpe. O golpe dos governadores se tornou um golpe apenas dos militares. [...] O golpe sofreu um golpe. A ditadura se impôs sobre a ditadura. Ela encurralou o seu projeto e se firmou (PAIVA, 2015, p. 91-93).

Apoiada por diversos setores da sociedade, a ditadura iniciou-se como um projeto de acabar com o comunismo no Brasil. No entanto, os seus arquitetos queriam mais. Queriam tirar os inimigos do poder. E, assim, tanto aqueles que os apoiaram quanto os que não apoiaram, também se tornaram vítimas do sistema.

Militares foram os que mais sofreram nas mãos dos militares. Muitos foram presos, expulsos, humilhados, exilados, torturados e mortos. Aliás, grande parte dos que combateram a ditadura militar, desde o seu começo, foram militares contrários ao regime. Muitos caíram na luta armada. Fundaram até uma organização clandestina, a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), de sargentos, tenentes e

capitães descontentes. [...] Sempre soubemos que nosso inimigo não vestia farda. Era um regime, não uma carreira. (PAIVA, 2015, p. 41).

A ditadura empreendeu perseguição não a só indivíduos civis, mas também aos próprios militares que não concordavam com o rumo para o qual o país estava sendo conduzido. Os militares descontentes aliaram-se a estudantes e a outros indivíduos da sociedade civil, mantendo encontros e ações que visavam combater a ditadura. No entanto, a máquina da ditadura também passou por cima deles e muitos foram presos e/ou mortos.

Ao discorrer sobre como a memória individual e coletiva estão entrelaçadas, Halbwachs (2003) exemplifica que a memória coletiva compreende um número maior de fatos do que a primeira. No entanto, a memória individual é uma memória que é contínua e perpassa os indivíduos de forma mais densa.

Halbwachs (2003) observa que a memória individual e a coletiva se entrelaçam constantemente. Dessa forma, Paiva (2015) traz em sua narrativa um trecho que compara a morte do seu pai ao pedreiro Amarildo, morto na Rocinha em 2013.

14 de julho de 2013. Rocinha, Zona Sul carioca. Amarildo Dias de Souza, pedreiro, foi preso por policiais militares, levado até a sua casa e depois para a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) instalada na Rocinha. No Leblon, Zona sul Carioca, meu pai, engenheiro, foi preso por militares em casa e levado a unidades da Aeronáutica e depois do exército. [...] Não se tem notícias do paradeiro de ambos. Para a polícia, traficantes da comunidade são os principais suspeitos do desaparecimento de Amarildo. Para o exército, terroristas sequestraram meu pai enquanto militares faziam reconhecimento de aparelhos com ele num Fusca. Versão oficial que só foi desmentida em 2014. Testemunhas ouviram Amarildo ser torturado por choques elétricos num contêiner anexo à UPP. Meu pai foi torturado num prédio do Pelotão de Investigações Criminais (PIC), onde funcionava o DOI, anexo ao I Exército, e testemunhas o ouviram gritar. Retiraram o corpo como retiraram o corpo do meu pai, sem testemunhas, sem alarde (PAIVA, 2015, p.109-110).

Ao relacionar a morte do pai ao do pedreiro Amarildo, Paiva (2015) empreende, por meio da narrativa, uma aproximação temporal entre os acontecimentos. Há uma semelhança na forma como ambos foram presos. Apesar da distância financeira, ambos foram presos pela polícia injustamente, foram torturados, mortos, e suas famílias foram violentadas pela sua ausência repentina de um ente querido.

Arfuch (2010), ao discutir como a narração de uma vida pode englobar relatos de eventos repletos de memória coletiva, entende que, ao serem transpostos para a narrativa, ambos passam pelo ficcionalização. No entanto, diferenciam-se pelo fato de

a narração de uma vida adquirir um status de veracidade, que se sustenta no discurso de um indivíduo a afirmar que vivenciou o que narra. Dessa forma, o relato ficcional contido em uma obra literária aproximar-se-ia mais da verdade do que da ficção em si.

A interpenetração de memória individual e coletiva dá-se ainda pelo fato de o indivíduo ser resultado do meio social no qual está inserido. Dessa maneira, a escrita acaba sendo influenciada pelos eventos que rodeiam o autor. Benoit (2002) afirma que para um escritor é impossível manter-se alheio aos eventos que acontecem ao seu redor, pois, ao calar, este também estaria se posicionando.

Portanto, pode-se afirmar que a autobiografia de Marcelo Rubens Paiva, *Ainda estou aqui*, é uma narrativa arquitetada por meio da retrospectiva do passado e de imagens apreendidas no seio da coletividade familiar. Estas imagens apreendidas outrora acabam por perpassar a coletividade em geral, haja visto que os fatos narrados correspondem a fatos acontecidos no período ditatorial que reverberam pela sua família e pela sociedade nos dias atuais. O autor-narrador-personagem constrói um discurso memorialístico forte, ao incorporar ao seu discurso relatos de testemunhas, trechos de entrevistas e parte de documentos da denúncia. Dessa forma, a obra torna-se uma valiosa contribuição no combate ao negacionismo e às políticas da memória, que visam evitar os crimes brutais semelhantes aos cometidos pelo regime ditatorial no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário literário contemporâneo, as escritas de si – tais como diários, autoficções, memórias e autobiografias – têm ganhado destaque e estão sendo cada vez mais estudadas pela academia e pelo público em geral. Isso se deve à valorização das experiências íntimas, antes tão desprezadas pela crítica literária. Deve-se, também, a narrativas de cunho testemunhal que trazem em seu escopo traumas desencadeados por eventos traumáticos.

Consideramos que a narrativa *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva, pertence ao gênero autobiografia, pois é narrada em prosa na primeira pessoa e está relacionada às vivências do passado do autor-narrador-personagem. A identificação de que o narrador-personagem é a mesma pessoa do autor é passível de ser observada ao longo da obra, onde o nome do autor é mencionado duas vezes. Apesar das poucas menções, o nome do autor-narrador-personagem pode ser verificado devido ao longo do contexto exposto na obra.

Portanto, o caráter autobiográfico de *Ainda estou aqui* reside não somente nos elementos relacionados ao nome do autor e sua identidade, mas também em relação a realidade exterior à obra. Ressalte-se que o narrador mantém o nome real dos muitos personagens, dentre eles, sua mãe Eunice Paiva, o pai Rubens Paiva, a irmã Eliana Paiva, os amigos da família Elio Gaspari e Antonio Callado, entre outros.

Ainda estou aqui pode até ser estudada pela crítica literária, como uma autoficção. Mas este conceito não se sustentaria por muito tempo, haja visto que ela não utiliza somente da temática da ditadura para contar a sua história, mas faz uso de uma história real, com personagens reais e nomes que não são fictícios. Na autoficção, a mudança do nome é um dos critérios essenciais, conforme afirma Faederich (2015), até mesmo pra evitar processos judiciais, pois a forma com que as privacidades são desveladas pode incomodar aqueles que tiveram seus nomes expostos nestas narrativas.

Ao analisar como o processo de rememoração se dá na obra, verificou-se que estas vivências emergem através de imagens que fluem pela memória, tal como menciona Bergson (1999). Estas memórias pertencem ao escopo da memória individual, mas também pertencem à memória coletiva, pois estão relacionadas a fatos

que o narrador-personagem vivenciou quando estava no seio familiar. Estas memórias adquirem ainda um relevo histórico e social, por estarem relacionadas a um período histórico que foi difícil para o Brasil, a ditadura militar.

A memória desdobrada em *Ainda estou aqui* sugere não só a rememoração de um passado, mas, também, a revisitação das dores sofridas, das violências e traumas impostos a um indivíduo que com apenas onze anos teve o pai retirado de forma tão abrupta do convívio familiar. A obra adquire, assim, um caráter de denúncia dos crimes cometidos pela ditadura e seus agentes, que empreenderam, naqueles anos, barbáries como tortura, estupros, esquartejamentos e desaparecimentos em massa contra aqueles que denominavam de comunistas e inimigos do governo.

Portanto, por meio na narrativa empreendida pelo autor-narrador-personagem, se pôde identificar que este teve sua identidade comprometida pelos acontecimentos que, mesmo após anos, permaneceram reverberando pelo seu interior. Pollack (1992) denominou de esse tipo de memória como memória herdada.

Na obra, o autor-narrador-personagem utiliza-se ainda de recortes de colunas de jornais e de partes do documento da denúncia do Ministério Público do Rio de Janeiro sobre o caso do seu pai, o ex-deputado federal Rubens Paiva. A junção destes à obra materializa o sofrimento dele e da família exposto ao decorrer do relato.

Dessa maneira, a escrita autobiográfica de Marcelo Rubens Paiva, em *Ainda estou aqui*, adquire ainda status de literatura engajada. Pois, apesar de evidenciar suas memórias individuais e coletivas, por meio da afetividade, a obra também se ocupa de questões políticas e sociais.

Por meio da relação existente entre autobiografia e memória, Marcelo Rubens Paiva trouxe ao seu leitor uma obra que se torna uma política da memória, tal como afirmou Selligman (2008), sendo uma forte ferramenta de resistência aos discursos que negam as violências cometidas pelo regime ditatorial brasileiro. Não deixar que seja esquecido também é uma forma de resistir.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: **Notas de literatura I**. Trad. Jorge Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. 370p.
- ARFUCH, Leonor. **Memória y autobiografía**: exploracion em los limites. 1ªed. Buenos Aires; Fondo De Cultura Económica, 2013. 168p.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.p. 01-08
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance**: as formas do tempo e do cronótopo. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018. 272p.
- BENOIT, Denis. **Literatura e engajamento**: de Pascal a Sartre. Tradução Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru: EDUSC, 2002.
- BERGSON, Henry. **Matéria e memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Éclea. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. 1ªed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- COSLEI, Alexandre. **Ainda estou aqui**: a ditadura da ausência. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/paragrafo/2015/10/ainda-estou-aqui-o-passado-que-nos-condena.html>. Acesso em: 30 set. 2020.
- CREMONESE, M. **Experiências sociais na ditadura civil militar brasileira em Ainda estou aqui, de Marcelo Rubens Paiva**: memória, história e ensino. 2018. 100 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2018. Acesso em: 01/10/2020.
- DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: **Ensaio sobre a autoficção**. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p.111-126.
- DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. **Devires autobiográficos**: a atualidade da escrita de si. Rio de Janeiro: NAU/ Editora PUC-Rio, 2009.
- FAEDERICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da Literatura Brasileira Contemporânea. **Itinerários**, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan./jun., 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/8165>.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160. Disponível em: <<http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol.III)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-268.

FUKS, Julián. Notícias da nova crise. Entrevista concedida a Christian Schwartz. **Revista Candido**. Nº105, Abril 2020. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Edicoes-Publicadas>

FREUD, Sigmund. **Lembranças encobridoras**. Trad. de James Strachey. 1950. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4628188/mod_resource/content/1/Lembran%C3%A7as_Encobridoras.pdf. Acesso em: 08 abr. 2021

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (parte III)**. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1996.

GUSDORF, George. Condiciones y limites de la autobiografía. **Suplemento Antrophos**, nº29, 1991. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/bcab/b91e3df382d6707d3baff81f52a6e67e7ef4.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sedou. São Paulo: Centauro, 2003.

KLINGER, Diana. **Escritas de si e escritas do outro. Auto-ficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea**. Tese de Doutorado em Letras. Literatura Comparada. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-108006/escritas-de-si-escritas-do-outro--autoficcao-e-etnografia-na-narrativa-latino-americana-contemporanea> Acesso em: 03 nov. 2020

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet**. Org. Jovita Maria Gerhein Noronha; Trad. Jovita Maria Gerhein Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MALARD, Leticia. **Literatura e dissidência política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago**. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

MÜGGE, Ernani. K. – relato de uma busca: a ficção a serviço da revisão da história nacional. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 41, n. nesp, p. 95-104, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7331/pdf>. Acesso em: 03 abr. 2021

NAPOLITANO, Marcos. O martelo de matar moscas: os anos de chumbo. In: **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo, Contexto, 2014.

NORONHA, Jovita Maria Gerhein. **Entrevista com Phelipe Lejeune**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotese/files/2009/12/Entrevista-com1.pdf>> 2009. Acesso em: 01 dez. 2019.

São Paulo (Estado). Assembleia Legislativa. Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva". **Infância Roubada: Crianças atingidas pela Ditadura Militar no Brasil**. São Paulo: ALESP, 2014. 316 p.

SOUZA, Tásia Oliveira. **O trágico e os mortos sem sepultura da ditadura civil-militar brasileira: K., Ainda estou aqui e Antes do passado**. 2017. Tese (Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6003>. Acesso em: 02/09/2020.

PAIVA, Marcelo Rubens. **Ainda estou aqui**. 1ªed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 295p.

PAIVA, Marcelo Rubens. Marcelo Rubens Paiva: Minha mãe foi a grande heróina da história. Entrevista concedida a Aline Ribeiro. **Revista Época**. Publicado em: 06/08/2015. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/08/marcelo-rubens-paiva-minha-mae-foi-grande-heroina-desta-historia.html>

PAIVA, Marcelo Rubens. **Marcelo Rubens Paiva pretende homenagear a mãe, que ele pretende eternizar na literatura**. Entrevista Concedida ao Programa De volta para a casa em 06/10/2015. Disponível em: <http://culturafm.cmais.com.br/de-volta-para-casa/marcelo-rubens-paiva-pretende-homenagear-a-mae-que-ele-pretende-eternizar-na-literatura>

PINHO, Adeíto Manoel. **Perfeitas memórias: literatura, experiência e invenção**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RAGO, MARGARETH. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2013. 1.943kb; ePUB

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SOUSA, Rodrigo Diniz. **Alegorias do trauma ditatorial**: violência e memória em *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva. Disponível em: <http://www.mel.unir.br/uploads/56565656/ALEGORIAS%20DO%20TRAUMA%20DITATORIAL%20VIOLENCIA%20E%20MEMORIA%20EM%20FELIZ.pdf>. Acesso em 01 out. 2020

YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Trad. Flávia Bancher. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007

ZILBERMAN, Regina. O legado da memória. In: Pinheiro, Adeíalo Manoel. **Perfeitas memórias**: literatura, experiência e invenção. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. P.13-18.